

RELATÓRIO 2017

AVANÇOS, CONQUISTAS
E ORIENTAÇÕES PARA O FUTURO

F O R Ç A T A R E F A
DE
Finanças Sociais

MENSAGEM DA FORÇA TAREFA

Em 2017, o Brasil tornou-se um dos primeiros países a ter uma Estratégia Nacional chancelada pelo governo para fomento ao campo de Investimentos e Negócios de Impacto. Abriam-se novos desafios em torno da implementação das ações previstas na Estratégia, mas os contornos, o chamado e o engajamento para a atuação de gestores públicos avançou consideravelmente. Esse é o tipo de conquista que muda o jogo!

A Força Tarefa de Finanças Sociais (FTFS) vem trabalhando colaborativamente desde 2015 na consolidação de informações e macrodirecionamentos que possam potencializar conexões, agendas e participação dos mais diversos atores nesse ecossistema.

Este relatório tem dois objetivos: o primeiro é olhar para o ano de 2017 e dar luz aos avanços do campo, celebrando, repercutindo e conectando diversas iniciativas, de todas as regiões do Brasil, lideradas por organizações referência ou por outras que ainda estão experimentando os instrumentos e a lógica do impacto social com rentabilidade financeira; o segundo é identificar prioridades para a atuação em 2018, considerando lacunas, demandas e oportunidades que deveriam ser fomentadas nos próximos meses para a prosperidade do campo, rumo a uma visão que construímos para 2020.

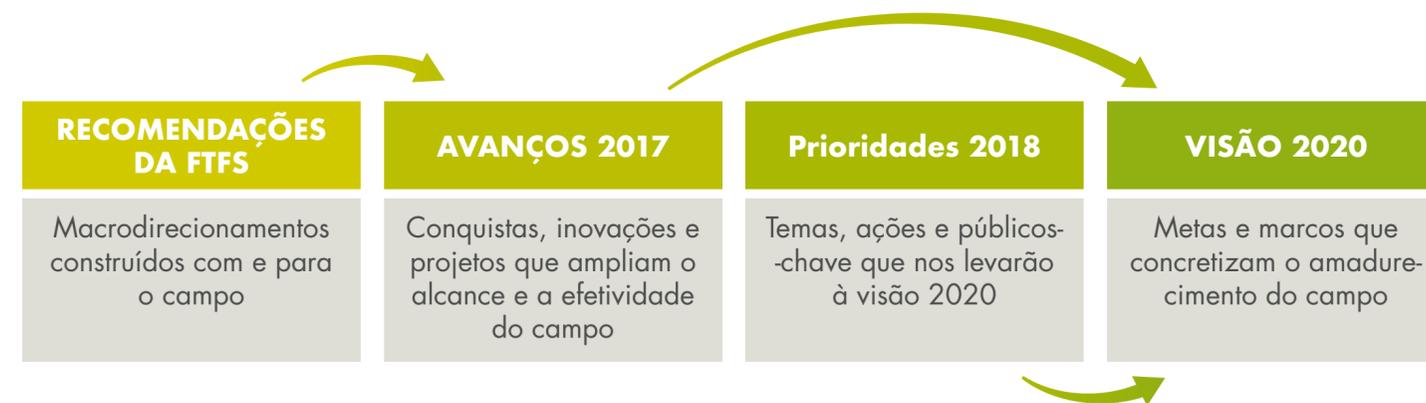
Esperamos que a leitura do relatório possa inspirá-lo a agir ou a conectar o planejamento de sua organização a alguns dos desafios postos – como a mobilização de lideranças públicas, privadas e universitárias que ainda não conheçam o campo, ou o estímulo para que negócios de impacto (principalmente os que se utilizam de tecnologia) gerem informações consolidadas e analisadas para a gestão pública – assim como ao setor público a abrir o acesso a dados para que novas startups criem inovações disruptivas.

Agradecemos às mais de 90 pessoas que participaram de nossa Consulta Aberta e compartilharam ações concretas, desafios, informações e opiniões para a construção deste relatório. E aos oito parceiros que escreveram artigos exclusivos para somar, aqui, reflexões e provocações. Muito obrigado pela generosidade de todos vocês!

Ainda há muito o que avançar para mudarmos a forma de fazer negócio (considerando a geração de impacto tão relevante quanto o retorno financeiro) e de resolver

problemas socioambientais (priorizando soluções inovadoras, efetivas e com impacto mensurável) no nosso país. Os problemas são sistêmicos e urgentes, e acreditamos que os Negócios de Impacto e as Finanças Sociais são uma potente solução para endereçar parte desse desafio.

Boa leitura!



F O R Ç A T A R E F A
 DE
Finanças Sociais

Alice Freitas | Daniel Izzo | Fábio Barbosa
 Guilherme Ferreira | Heloísa Menezes
 Luiz Lara | Marcos Vinícius de Souza
 Maria Alice Setubal | Rodrigo Menezes

ÍNDICE

SOBRE O QUE ESTAMOS FALANDO.....	4
OS AVANÇOS EM 2017.....	8
AS VISÕES DE SUCESSO PARA 2020	13
AS LACUNAS DO CAMINHO ATÉ 2020	17
AS PRIORIDADES PARA 2018	18
ARTIGOS PARA REFLEXÃO	
Estratégia para investimento de impacto socioambiental	20
<i>Fabio Barbosa e Maria Alice Setubal, Conselho da Força Tarefa de Finanças Sociais</i>	
Catalizando um movimento global de investimento de impacto	22
<i>Amit Bhatia, Global Steering Group</i>	
Mercado financeiro de impacto – Itaú, Sustentabilidade.....	24
Instrumentos financeiros para impacto antes do mainstream	25
<i>Leonardo Letelier, SITAWI Finanças do Bem</i>	
Negócio de Impacto Social: você está fazendo certo?	27
<i>Adriana Barbosa, Feira Preta</i>	
O que o futuro reserva para a avaliação de impacto?	30
<i>Gilberto Ribeiro, Vox Capital</i>	
Ativação de Ecossistemas – Aoka Labs	32
Visão 2030 sobre o Futuro do Campo: reflexões para seu fortalecimento... 34	
<i>Graziella Comini, CEATS/USP; Luciana Aguiar, Pnud e Valéria Barros, Sebrae Nacional</i>	
EXPEDIENTE.....	36

SOBRE O QUE ESTAMOS FALANDO

1 NOSSO OBJETIVO NO FIM DO DIA:

- Oferecer mais e melhores oportunidades para populações vulneráveis
- Apoiar as metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)
- Atrair mais capital para investir em inovações para problemas socioambientais sistêmicos

2 QUAIS FRENTES TÊM CONTRIBUÍDO PARA ESSES OBJETIVOS NOS ÚLTIMOS ANOS:

- Gestores públicos, através das políticas públicas de atendimento à população
- Empreendedores sociais com organizações ou negócios focados na solução de problemas socioambientais
- Filantropos e doadores que viabilizam empreendimentos sociais
- Empresas, através de ações de responsabilidade social

3 OS DESAFIOS DESSE CAMINHO:

- Dificuldade de atender às expectativas da sociedade em relação a seus direitos básicos (universalizados e de qualidade) e oportunidades mais justas para a realização pessoal e profissional
- Os recursos (financeiros, tecnológicos e humanos) são insuficientes ou não acessíveis
- Os problemas são complexos, recorrentes e em escala. As respostas não são resolutivas
- Novas organizações de apoio a esse campo estão nascendo, mas precisam de mais suporte

4 QUAL A NOSSA HIPÓTESE (UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO):

- Busca por soluções mais inovadoras (produtos, serviços ou tecnologias mais eficazes, sustentáveis ou justos do que as soluções já existentes) e soluções ofertadas por modelos de negócio que buscam resolver problemas sociais com rentabilidade financeira
- Atração de capital público e privado para apoiar esses modelos de negócios, com aportes de recursos através de doações, empréstimos, investimentos e garantias
- Instrumentos de pagamentos por resultado (social e financeiro) dos negócios
- Comprometimento com a eficiência e com processos de mensuração que verifiquem a qualidade da solução

5 COMO AVANÇAMOS ATÉ LÁ:

- Mais empreendedores estruturam modelos de negócios sustentáveis e escaláveis que resolvam problemas socioambientais
- Mais investidores decidem alocar o seu capital analisando risco, retorno e impacto
- Sistema financeiro oferece instrumentos e produtos a seus clientes que geram impacto social e retorno financeiro
- Governo regula e fomenta práticas que sejam favoráveis aos modelos de negócio que resolvam problemas sociais
- Universidades preparam gerações futuras para mudar o mundo repensando as forças do mercado
- A sociedade celebra, acompanha e cobra a participação de empreendedores, investidores, governo e universidades no campo dos negócios de impacto

O QUE SÃO NEGÓCIOS DE IMPACTO?*

O modelo de operação da organização prevê o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis que gerem ao **menos 50%** da receita própria oriunda da comercialização de produtos e serviços

Negócios de Impacto são **modelos de negócios** com **diferentes formatos jurídicos** que apresentam soluções para **problemas sociais e ambientais.**

ONGs
Cooperativa
Empresa

Educação | **Saúde** | **Serviços Financeiros** | **Cidades**
(moradia e mobilidade) | **Tecnologias verdes** (água, reciclagem, resíduos, energia, agricultura) | **Cidadania**
(acessibilidade, segurança, emprego, mulheres)

*A definição usada aqui para Negócios de Impacto foi consolidada pela Força Tarefa de Finanças Sociais a partir da escuta de mais de 50 atores do campo de impacto, entre eles empreendedores, investidores, acadêmicos, gestores de incubadoras e aceleradoras etc. Segundo essa definição, os Negócios de Impacto diferenciam-se de empresas puramente comerciais e de ONGs sem estratégias de geração de receita por atenderem a quatro princípios:

- 1 Têm como propósito gerar impacto socioambiental positivo (explícito em sua missão)
- 2 Conhecem, mensuram e avaliam seu impacto periodicamente
- 3 Geram receitas próprias a partir da comercialização de produtos e serviços
- 4 Possuem uma governança que leva em consideração os interesses de investidores, de clientes e da comunidade (não fazem o que fazem a qualquer custo)



Org. da Sociedade Civil (OSC) sem geração de receita



Org. da Sociedade Civil com geração de receita



Org. da Sociedade Civil com negócio social



Cooperativas



Negócio com missão social ou ambiental com restrição na distribuição de dividendos



Negócio com missão social ou ambiental sem restrição na distribuição de dividendos



Empresas puramente comerciais

Com exceção das Organizações da Sociedade Civil (OSCs) sem uma estratégia de geração de receita própria significativa e de empresas essencialmente comerciais, cujo impacto positivo provém de obrigações legais, externalidades positivas ou de estratégias ainda periféricas ao seu modelo de negócio, consideramos que OSCs, cooperativas e empresas podem ser negócios de impacto.

O QUE OS NEGÓCIOS DE IMPACTO SOLUCIONAM?

A solução pode estar “no que” o negócio produz,
“para quem” ele produz e/ou “como” ele produz.

Produtos e serviços que incidem diretamente sobre problemas em áreas como educação, saúde, moradia, cidadania etc.

Produtos e serviços adaptados (em formato, preço, condições de acesso e/ou uso) para populações vulneráveis e/ou de menor renda.

Processos comprometidos com resultados sociais e/ou ambientais relevantes, considerados aspectos da cadeia de valor, colaboradores e práticas sustentáveis.

POR QUE IMPACTO DEVE SER CENTRAL?

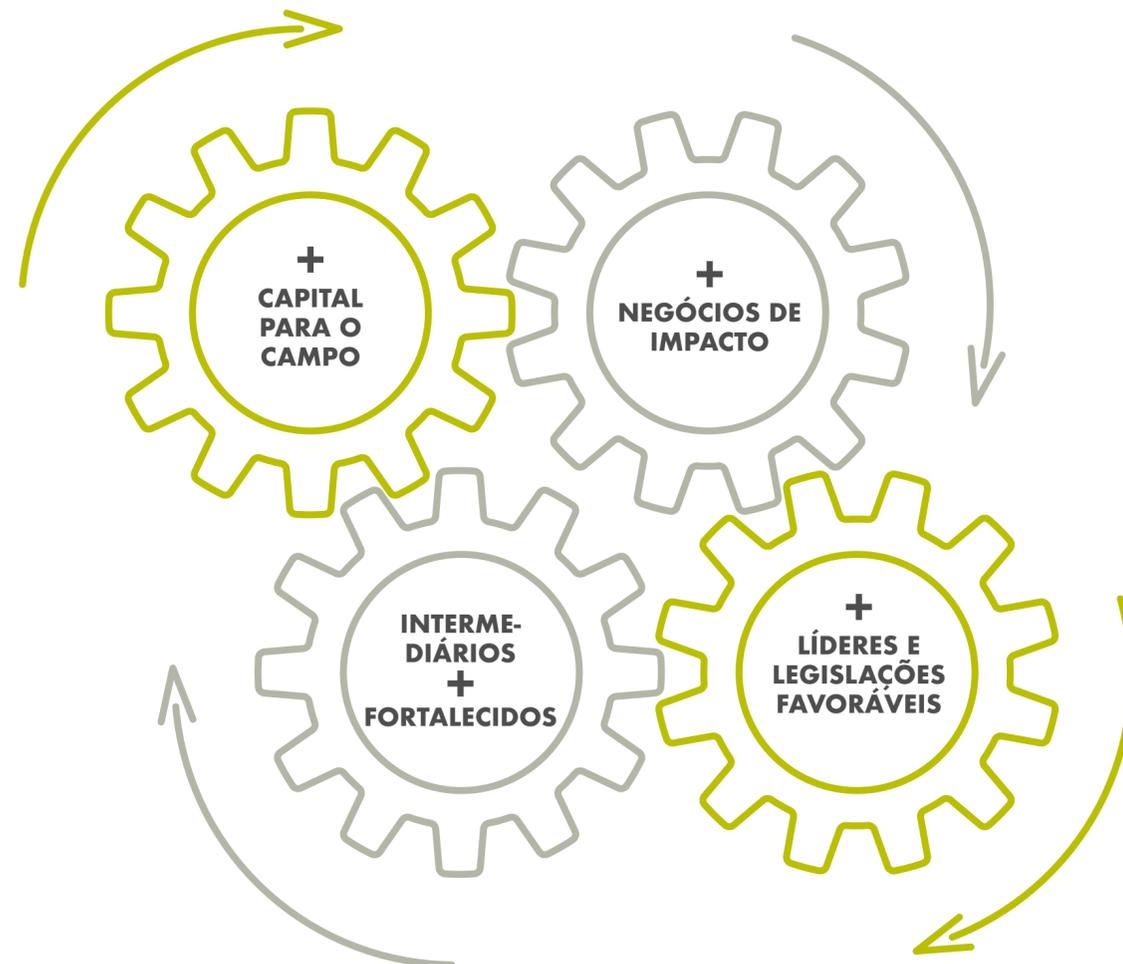
A solução deve compor a **estratégia central do negócio**
– com metas de impacto definidas e monitoradas,
preferencialmente, com potencial de escala.

- (1) Conexão direta da solução com a missão do negócio (como uma das justificativas de por que ele existe) e;
- (2) Comprometimento com a efetividade da solução proposta (não basta dizer, precisa definir a transformação almejada, criar condições, dedicar recursos e monitorá-la)



OS AVANÇOS EM 2017

O amadurecimento dos Investimentos e Negócios de Impacto passa pelo avanço quantitativo e qualitativo de quatro dimensões que, em conjunto e de forma conectada, poderão mudar a forma tradicional de fazer negócio e resolver problemas socioambientais. A Força Tarefa de Finanças Sociais tem liderado, acompanhado e participado de ações que concretizam conquistas do campo. Abaixo, apresentamos algumas dessas ações, agrupada em torno das quatro dimensões.¹



Considerando o grande número de contribuições que recebemos através da plataforma de consulta aberta e por e-mails, optamos por listar ações que se destacam em três critérios: INOVAÇÃO - projetos/programas/eventos que representem uma forma nova de fazer ou o envolvimento de um público novo; APORTE AO CAMPO - ações que tragam uma reflexão ou impacto para todo o campo (e não apenas para uma pessoa ou grupo); ou CONHECIMENTO PÚBLICO - ações que sejam públicas e possam ser acessadas para mais informações.

MAIS CAPITAL PARA O CAMPO		
DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Maior volume de capital	Criação da Rede Temática de Negócios de Impacto do GIFE (#2)	GIFE, Instituto Sabin e ICE
	Criação do Grupo de Investimento de Impacto (#7)	ABVCAP, ANDE e Vox Capital
	Chamada ICE-BID de apoio a negócios de impacto (sete negócios apoiados com R\$ 200 mil) (#8 e #15)	ICE e BID/FUMIN
	Evento de conexão entre gestores de fundos de impacto socioambiental e gestores de fundos de private equity para troca de experiências (#7)	Wright Capital
	Advocacy para a regulamentação de fundos patrimoniais (que potencialmente poderão investir em negócios de impacto) (#1 e #7)	IDIS

¹O decreto 9244/2017 que instaura a Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto também tem trabalhado no fortalecimento dessas quatro dimensões, além de uma vertical referente à sistematização de dados para o campo.

MAIS CAPITAL PARA O CAMPO

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Mais fontes de recursos	Primeira edição do FIIMP – Fundações e Institutos de Impacto (22 organizações investiram em conjunto R\$ 700 mil para testar três diferentes mecanismos de finanças sociais, garantia, crowdequity e empréstimo) (#2)	Childhood, Fundação BMW, Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, Fundação Lemann, Fundação Otacílio Coser (FOCO), Fundação Raízen, Fundação Telefônica Vivo, Fundação Tide Setúbal, Fundo Vale, Instituto Ayrton Senna, Instituto Coca-Cola, Instituto Cyrela, Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), Instituto EDP, Instituto Holcim, Instituto InterCement, Instituto Phi, Instituto Sabin, Instituto Samuel Klein, Instituto Vedacit, Instituto Votorantim e Oi Futuro
	Desafio de Negócios de Impacto Social: Educação Financeira e Serviços Financeiros para Todos – apoio a negócios de impacto na área de educação financeira pelo Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal em parceria com a Artemisia (#8)	Caixa Econômica Federal e Artemisia

MAIS CAPITAL PARA O CAMPO

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Mecanismos financeiros mais inovadores	Estruturação de dois modelos de Contrato de Impacto Social (CIS): em São Paulo, na área de educação (em fase de validação do edital de seleção de organizações executoras), e no Ceará, na área da saúde (em fase de estruturação) (#14)	São Paulo – Insper Metrics e Secretaria do Estado de SP; Ceará – SITAWI Finanças do Bem e Instituto Sabin
	Estruturação de modelo de securitização para financiamento de negócios de impacto (piloto com Programa Vivenda) (#11)	Din4mo, Vivenda e Gaia
	Realização da primeira captação via crowdlending para negócios de impacto no Brasil (#11)	SITAWI
	Criação de uma unidade de blended finance (combinação de recursos financeiros e filantrópicos) de modo a destinar capital para projetos com impacto social positivo tanto para investidores como para comunidades	Din4mo

ISTO MUDA O JOGO

Parceria Caixa Econômica Federal e Artemisia

Por meio do Fundo Socioambiental Caixa, a Artemisia e a CEF lançaram uma chamada de apoio a negócios de impacto que promovem inovação na educação financeira e nos serviços financeiros. Para potencializar uma nova geração de soluções/negócios que promovam a inclusão financeira, foram selecionadas startups para receber mentoria das duas organizações, além de recursos financeiros para implementar ações-piloto com públicos beneficiários de programas da Caixa.

AUMENTO DO NÚMERO DE NEGÓCIOS

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Mais empreendedores comprometidos com impacto	Lançamento da publicação "O Papel dos Negócios Sociais no Apoio ao Empoderamento Feminino no Brasil" (#8)	British Council
	Primeiro hackathon de Negócios de Impacto da Paraíba, tema central da programação da 14ª Feira de Tecnologia de Campina Grande – FETECH (#8 e #15)	ITCG – Incubadora Tecnológica de Campina Grande
	Realização de diversas ações de fortalecimento do ecossistema de Negócios de Impacto pelo Sebrae no Rio de Janeiro: segunda rodada de aceleração para Negócios de Impacto Social do programa Impacta; ciclo de debates sobre Negócios de Impacto Social – Seminário Incluir; Lançamento do Guia de Ofertas de Capital para Negócios de Impacto; desenvolvimento de diagnóstico on-line para Negócios de Impacto Social (#8 e #9)	Sebrae/RJ
	Criação de ferramenta gratuita para construção e visualização de Teoria de Mudança (#15)	MGov
	Criação de curso de Investimento de Impacto na Graduação (#10)	Inspere

AUMENTO DO NÚMERO DE NEGÓCIOS

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Mais modelos de negócio validados	Projeto para fortalecimento de negócios de impacto através de cadeias de valor de grandes empresas no interior do Amazonas (#5)	SITAWI, Natura e Coca-Cola
	Lançamento global de uma plataforma de ferramentas gratuitas para empreendedores e intermediários – Idea2Entrepreneur Tools Suite (#8)	NESsT
	Lançamento pela Pipe do Mapa de Negócios de Impacto 2017 com informações para o campo sobre 579 negócios no Brasil e seu desdobramento com o mapeamento de Negócios de Impacto no Rio Grande do Norte (#15)	Pipe Social, Sebrae e Semente Negócios
	Relatório Gestão do Conhecimento do Ecossistema de Negócios de Impacto (#10)	PNUD/Sebrae e autora Graziella Comini/USP
Ampliação da mobilização de atores da base	1º Fórum NIP – Negócios Impacto Periférico	A Banca
	Lançamento da Aceleradora de Negócios de Impacto da Periferia – NIP	A Banca, Artemisia e GVCenn

ISTO MUDA O JOGO

Mapa de Negócios de Impacto

Mais de 40 organizações foram articuladas para a construção do 1º Mapeamento de Negócios de Impacto do Brasil, liderado pela Pipe Social, com registro de 579 empreendimentos em diferentes estágios de maturação, que forneceram valiosos dados e informações que fortaleceram o campo e ajudaram a construir um cenário sobre a maturidade e as demandas dos negócios de impacto no Brasil.

FORTALECIMENTO DE ORGANIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Mais iniciativas e organizações mobilizadas e qualificadas para apoiar empreendedores e investidores de impacto	Nova edição do Guia 2,5 de apoio à jornada do empreendedor de impacto (#8 e #15)	Instituto Quintessa, ICE e Instituto Sabin
	Lançamento do estudo sobre aceleradoras e incubadoras no Brasil (#8)	ANDE
	3ª turma de formação de Aceleradoras e Incubadoras de Impacto, com 20 participantes, é protagonizada pela Anprotec (#8)	Anprotec / ICE / Sebrae
	2º Laboratório de Inovação em Finanças Sociais com a produção de sete protótipos que serão executados em 2018 (#15)	FTFS / Aoka Labs
Maior gama de serviços oferecidos	Realização de seis reuniões com a participação de mais de 60 organizações da Rede de Mensuração de Impacto (#12)	FTFS / Insper
	Fortalecimento do grupo de trabalho "Métricas na Prática" para compartilhar aprendizados sobre mensuração de impacto no Brasil (#12)	ANDE
	Realização de workshop sobre avaliação de impacto para gestores de incubadoras e professores universitários de todo o Brasil (#12)	ICE / Move Social / Insper
	Atendimento de 4.598 pequenos negócios no âmbito dos projetos estaduais específicos de negócios sociais (MS, ES, PE, RJ, RS, RN e SC) (#9)	Sebrae Nacional
	Lançamento da 4ª edição do Prêmio ICE com três categorias e 52 inscritos: Graduação, Mestrado e Doutorado (#10)	ICE

FORTALECIMENTO DE ORGANIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Maior gama de serviços oferecidos	Programa de aceleração na Estação Hack – primeiro centro para a inovação criado pelo Facebook no mundo – com foco em negócios de impacto (#8)	Facebook / Artemisia
	Produção de uma publicação de definição dos padrões de práticas de avaliação de impacto para investidores (#12)	SITAWI
Maior abrangência geográfica	Programa de Aceleração e Incubação de Impacto capacita e premia aceleradoras e incubadoras nas cinco regiões do Brasil (#8)	ICE / Anprotec / Sebrae
	Expansão da Rede do Programa Academia, chegando a 69 professores nas cinco regiões do Brasil. A expansão do programa para a região Norte contou com a participação de 39 professores em evento organizado em parceria com a Universidade Federal do Pará (#10)	ICE
	Programa Artemisia e Natura – O Desafio Natura Amazônia: Negócios para Floresta em Pé – selecionaram 17 startups de 140 negócios	Artemisia e Natura

ISTO MUDA O JOGO

Guia 2,5

O Guia 2,5 apoia o empreendedor de impacto na conexão com outros atores do campo de Negócios de Impacto a partir de um mapeamento de suas necessidades. Em sua segunda edição, o guia foi revisitado, mapeando 31 iniciativas realizadas por organizações intermediárias e indicações de tipo de apoio existente aos empreendedores, nos mais diversos estágios de maturidade de seu negócio de impacto.

PROMOÇÃO DE UM MACROAMBIENTE FAVORÁVEL

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Regulamentações e normas favoráveis	Elaboração de um anteprojeto de lei que institui a qualificação legal das "Sociedades de Benefício" (#6 e #11)	Sistema B
Mais líderes públicos e privados mobilizados para o campo	Assinatura do decreto de lei 9.244 de 19/12/2017 que institui a Estratégia Nacional de Investimento e Negócios de Impacto – ENIMPACTO (#13)	MDIC / FTFS
	Agenda de diálogos sobre finanças éticas com EcoSocial e Joan Melé (fundador da Banca Ética)	Fundación Avina
	Iniciativa para o fomento de um território favorável aos negócios de impacto – Formação Rio de Impacto (#2)	PNUD, Sebrae/RJ, NESst, SITAWI, Yunus Negócios Sociais, Universidade Santa Úrsula, Benfeitoria, ESPM, Instituto Gênese (PUC-Rio), Sistema B, Alerj, Vox Capital e Shell Iniciativa Jovem
	Laboratório de Inovação Financeira para o fomento ao debate e à criação de ferramentas financeiras para o investimento de impacto (#11)	CVM / ABDE / BID
	Publicação do Guia Gestores Municipais Compram de Negócios de Impacto (#6)	FTFS

PROMOÇÃO DE UM MACROAMBIENTE FAVORÁVEL

DESAFIO	AVANÇO (e indicação de correspondência com as #recomendações da FTFS)	ORGANIZAÇÕES
Ampla divulgação e interesse pela agenda	Workshop Protótipos de Comunicação, que identificou desafios de comunicação e juntou esforços para desenvolver soluções e projetos para o campo	FTFS
	Lançamento do site do Global Steering Group for Impact Investment com informações sobre o campo de investimento de impacto nos 16 países-membros	GSG / FTFS

ISTO MUDA O JOGO

Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto (ENIMPACTO)

A ENIMPACTO é resultado da articulação da Força Tarefa com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços e um grupo de trabalho com outros atores da gestão pública federal (direta e indireta), e tem como objetivo engajar vários órgãos do governo, do setor privado e da sociedade civil na constituição de uma estratégia de fortalecimento do campo. É a primeira iniciativa do Governo Federal em relação às temáticas, e marca o avanço do campo no Brasil.

AS VISÕES DE SUCESSO PARA 2020

Quais serão os marcos concretos que atestarão o amadurecimento do ecossistema de Finanças Sociais e Negócios de Impacto, nos próximos três anos?



SOCIEDADE



EMPREENDEDORES



INTERMEDIÁRIOS

Fundos de investimentos
Fundos sociais rotativos
Incubadoras e aceleradoras
SEBRAE
Avaliadores
Instrumentos financeiros
Instituições de ensino superior

O Sebrae também pode ser ator da oferta de capital.



ATORES DA OFERTA
DE CAPITAL

Indivíduo de alta renda
Investidores-anjos
Instituições financeiras
Institutos e fundações
Grandes empresas
Gestores públicos
BNDES



SOCIEDADE

- Conhece o conceito e os exemplos de negócios de impacto (com clareza da transformação que promovem).
- Compra e contrata soluções (produtos e serviços) de negócios de impacto.
- Corresponsabiliza (e monitora) o setor privado na promoção de impacto e atendimento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).
- Aloca percentual de sua poupança em produtos de impacto.



EMPREENDEDORES

- Gerenciam negócios de impacto com soluções para desafios diversos (saúde, educação, meio ambiente etc.) vinculados aos 17 ODS, nas cinco regiões do País (expansão dos negócios “da” e “para” as regiões Norte e Centro-Oeste).
- Representa a diversidade do País, envolvendo (em sua liderança, em seu público-alvo, em sua equipe ou cadeia de valor) mais mulheres, negros e populações vulneráveis de diferentes regiões.
- Têm clareza e mensuram a transformação que pretendem gerar na sociedade e a performance financeira esperada (e efetivamente monitoram seus indicadores de impacto).
- Multiplicam, de forma considerável, o número de negócios de impacto maduros, escaláveis e prontos para receber investimento.



INTERMEDIÁRIOS

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

- Mais fundos de investimentos com critérios de impacto como parte de sua tese de investimento.
- Mais chamadas para a escolha de gestores com foco específico na tese de investimento de impacto ou gestores não especialistas, mas que ofereçam em sua plataforma fundos de investimento de impacto social.
- Estruturam fundos cujo público-alvo sejam pequenos e médios investidores e/ou aportes de capital menores.
- Realizam pelo menos cinco saídas bem-sucedidas (com taxa de retorno elevada e garantia da continuidade do impacto da empresa desinvestida).
- Seguradoras sejam autorizadas pelos órgãos reguladores a investir parte de seus recursos em instrumentos financeiros de impacto.

FUNDOS SOCIAIS ROTATIVOS

- Expandem o número de fundos criados ou fortalecidos a partir de recursos de doações de pessoas físicas, empresas e governo.
- Ganham visibilidade e reconhecimento entre financiadores como modelos diferenciados para apoio a negócios de impacto.

INCUBADORAS E ACELERADORAS

- Ao menos 10% das incubadoras e aceleradoras do Brasil se autodeclaram trabalhando com Negócios de Impacto em um percentual relevante – acima de 20% – de seu portfólio e utilizam indicadores para medir impacto social de seus empreendimentos incubados e acelerados.
- Estão mais fortalecidas e qualificadas para comprovar seu impacto, conseguindo mais recursos para financiar suas operações e realizar sua missão com sustentabilidade financeira garantida.

- Conectam o desenvolvimento de tecnologias com a solução de problemas sociais.

SEBRAE

- Atende 10 mil empreendedores com serviços e produtos que estimulam a criação e o fortalecimento de Negócios de Impacto e potenciais empreendedores.
- Todas as suas unidades estaduais oferecem algum produto especializado no estímulo e no apoio a empreendedores de Negócios de Impacto.
- Fomenta Negócios de Impacto através de subvenções ou inversões.

AVALIADORES

- Validam modelo simples, claro, de baixo custo (e preferencialmente alinhado a padrões globais) para apoiar os Negócios de Impacto em sua teoria de mudança e mensuração do impacto gerado.
- Oferecem formações e cursos de métricas em Negócios de Impacto para empreendedores, investidores e suas redes de apoio.
- Apoiam a organização de informações sobre o campo, como (1) um banco de soluções bem-sucedidas para desafios sociais, com evidências empíricas de eficácia e (2) uma base de dados nacional de custos e benefícios relacionados a problemas sociais (ex.: custos relacionados a reincidência de presos ou evasão escolar).
- Avançam a integração de indicadores de impacto às métricas financeiras em organizações de referência, como a B3 e agências de classificação de risco.
- Alinham os conceitos de impacto em relação a outras métricas socioambientais, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o Índice de Progresso Social e a Felicidade Interna Bruta.

INSTRUMENTOS FINANCEIROS

- Multiplicam-se instrumentos de apoio de lógica “coletivo/crowd” que permitem múltiplos apoios pulverizados de pessoas que se identificam com visões de impacto, com facilitação institucional (legal, regulatória, tributária, de incentivos públicos etc.) para a utilização de tais instrumentos.

- Estruturas e instrumentos de captação de investimentos e empréstimos mais diversos, acessíveis, democráticos e com perfis de investidores diversos (pessoas físicas ou jurídicas).
- Efetivo lançamento dos Contratos de Impacto Social atualmente em estruturação – Estado de São Paulo e Ceará – e de, pelo menos, mais dois projetos.
- Oferta de blended finance, em que instituições financeiras combinam o uso estratégico de “development finance” e fundos filantrópicos para mobilizar capital privado a ser investido em países emergentes, resultando retorno positivo para investidores e comunidade.

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

- Oferecem ao menos um curso de graduação, um de pós-graduação e um de especialização nas áreas de Finanças Sociais, Empreendedorismo Social ou Negócios de Impacto em cada região do País.
- Temáticas de Finanças Sociais, Empreendedorismo Social ou Negócios de Impacto são debatidas para além das escolas de administração e negócios, como engenharia, saúde, direito e políticas públicas.
- Criam, em parceria com organizações avaliadoras e certificadoras, ao menos um centro de referência em avaliação de impacto por Estado.
- Agências de fomento à pesquisa (regionais e nacionais) explicitam o tema como uma linha (ou sublinha) de financiamento e criam edital de pesquisa específico.
- Professores incluem temáticas relacionadas a Finanças Sociais e Negócios de Impacto em suas linhas de pesquisa e propõem à CAPES edição especial de revistas qualificadas.
- Multiplica-se o número de alunos de graduação e pós-graduação que estudam e pesquisam o campo.
- Multiplica-se o número de egressos interessados e mais bem preparados para empreender, gerir, financiar ou apoiar Negócios de Impacto.



ATORES DA OFERTA DE CAPITAL

INDIVÍDUOS DE ALTA RENDA E INVESTIDORES-ANJOS

- Direcionam, diretamente ou via family offices, de 1% a 3% do montante de seus investimentos para fundos/produtos financeiros de impacto.
- Acompanham, com apoio de seus gestores financeiros, o impacto social gerado por seu capital investido.
- Comprometem-se com apoio a negócios em estágios menos maduros, com capital paciente e instrumentos financeiros híbridos e inovadores.

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

- Oferecem a seus clientes oportunidades de investimentos em fundos que promovem intencionalmente impacto social positivo.
- Criam teorias de mudança e selecionam indicadores de impacto para seus portfólios de investimentos.
- Mantêm histórico analisado e comprovado de investidores e negócios de impacto.

INSTITUTOS E FUNDAÇÕES

- Direcionam 5% de seus investimentos e doações ao desenvolvimento do campo das Finanças Sociais e Negócios de Impacto, preferencialmente em estratégias de fortalecimento de organizações intermediárias ou de atração de novos investidores.
- Experimentam novos instrumentos de financiamento que possam contribuir para mais capital e escala no campo, como garantia, crowdequity e empréstimo.
- Têm portfólios de negócios de impacto apoiados que possam receber investimentos de impacto para escalar.

GRANDES EMPRESAS

- Seus líderes conhecem o campo das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto e seus instrumentos financeiros.
- Mensuram o impacto social de suas atividades e produtos/serviços, assim como o de sua cadeia de valor.
- Incluem critérios de impacto em suas compras e criam estratégias e políticas internas para viabilizar que pelo menos 5% de suas compras corporativas sejam feitas de Negócios de Impacto.
- Estimulam a agenda de inovação e tecnologia, seja por meio do apoio a startups ou repensando seus próprios produtos e serviços.
- Conhecem a oportunidade de usar, e utilizam, recursos do subcrédito social do BNDES para apoiar Negócios de Impacto nas regiões onde atuam.

GESTORES PÚBLICOS

- Conhecem o campo das Finanças Sociais e dos Negócios de Impacto e seus instrumentos financeiros
- Contratam e compram de Negócios de Impacto produtos e serviços para complementar o atendimento à população e solucionar desafios da gestão pública.
- Avançam discussões sobre perdas e ganhos nos processos de criação de uma pessoa jurídica exclusiva e na qualificação legal das Sociedades de Benefício.
- Discutem incentivos fiscais e fomento para Negócios de Impacto.

BNDES

- Valida a aplicação do subcrédito social em Negócios de Impacto ou fundos sociais e incentiva que pelo menos 5% desse recurso seja aplicado nessas modalidades.
- Direciona 5% de seus aportes anuais de recursos não reembolsáveis para a capitalização de Fundos Socioambientais Rotativos.

AS LACUNAS DO CAMINHO ATÉ 2020

ALINHAMENTO

- Avançar discussão em torno da definição e do entendimento sobre “impacto” que seja ampla o suficiente para diferentes teorias de mudanças de investidores e empreendedores, mas com padrões mínimos que garantam comprometimento e mensuração da melhoria de vida de populações mais vulneráveis.
- Aproximar a agenda dos Investimentos e Negócios de Impacto dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e dos movimentos das Empresas B, Economia Circular e Capitalismo Consciente.
- Buscar aproximação (de propósito, proposta de valor e linguagem) com gestores públicos, líderes de corporações (grandes empresas), empreendedores e investidores ambientais e empreendedores da periferia.
- Traduzir e disseminar em escala para a sociedade a mudança de modelo mental proposta pelo campo.

INTEGRAÇÃO E ABRANGÊNCIA NACIONAL

- Garantir que a agenda tenha abrangência nacional, promovendo discussões e conexões com organizações para além da região Sudeste.
- Fortalecer organizações de fomento ao empreendedorismo social e apoio aos Negócios de Impacto em todo o País, garantindo polos de referência em todas as regiões.
- Dar visibilidade e fomento (financeiro, tecnológico e de gestão) para negócios de impacto de todas as regiões do Brasil, destacando diferentes realidades e referências de impacto local com potencial de escalar.
- Garantir a integração de atores das periferias no processo de construção e fortalecimento do campo, seja como empreendedores, clientes, funcionários ou fornecedores dos negócios de impacto.
- Estimular a criação de iniciativas setoriais com os negócios de impacto, em parceria com as iniciativas pública e privada, para avançar algumas agendas estratégicas, como saúde preventiva, água, logística reversa etc.

INFORMAÇÃO E CAPACIDADES

- Garantir estrutura e padrões mínimos para coleta e sistematização de dados do campo para criação de série histórica.
- Estimular que negócios de impacto (principalmente os que se utilizam de tecnologia) gerem informações consolidadas e analisadas para a gestão pública – assim como que o setor público abra o acesso a dados para que novas startups criem inovações disruptivas.
- Reforçar estratégias voltadas para a sistematização e a gestão de dados, buscando líderes e parcerias entre os setores público, privado e sociedade civil que possam monitorar o histórico.
- Conectar lideranças públicas e empresariais com conceitos, exemplos e ações concretas do campo.
- Garantir aliados e ações potentes para ampliar o tema de empreendedorismo social nas Instituições de Ensino Superior, proporcionando mais pesquisas, dados e profissionais investigando, inovando e apoiando negócios de impacto.
- Orientar institutos e fundações (corporativos, familiares e independentes) sobre os instrumentos financeiros e formatos de apoio aos negócios de impacto para que efetivamente aportem recursos no campo.

CAPITAL

- Ampliar o número de investidores, o volume de recursos, a diversidade de instrumentos financeiros e as organizações de apoio para negócios em estágios iniciais (que demandam aportes entre R\$ 50 mil e R\$ 500 mil) até a pós-aceleração.
- Apoiar modelos inovadores de sustentabilidade das incubadoras e aceleradoras.
- Facilitar a conexão entre negócios de impacto e potenciais investidores e apoiadores, possivelmente amplificando plataformas com informações de performance, demandas e oportunidades de apoio.
- Mudar a estruturação de Fundos de Investimento em Participações (FIPs), com redução de custos, maior agilidade no registro e regras de gestão mais flexíveis, bem como incentivar a implementação de estruturas que acomodem o interesse de diferentes investidores (ex.: cotas seniores/cotas subordinadas), inclusive conversando com investidores institucionais (fundos de pensão, investidores estrangeiros, fundações etc.).

PRIORIDADES 2018

Consolidação feita pela Força Tarefa de Finanças Sociais a partir de consulta aberta realizada com o ecossistema de investimento e Negócios de Impacto.

COMUNICAÇÃO

- Consolidar conceitos e alinhar narrativas que potencializem a construção de um movimento, com manifestos e elementos visuais que possam ser utilizados por diversas organizações do campo, e facilitar a aproximação com públicos que desconhecem o tema ou são ainda "não convertidos".
- Engajar empreendedores com potencial de impacto socioambiental para conhecerem o campo, os intermediários e referências do campo e começarem a medir seu impacto.
- Construir estratégia para engajamento de investidores institucionais, gestores públicos, fundos de pensão e grandes empresas para que aportem capital no campo.
- Construir estratégia, como movimento, para disseminar o campo através de mídias de massa.
- Sistematizar e dar visibilidade a evidências dos negócios de impacto exitosos ou com potencial de êxito.
- Divulgar o campo para gestores de bancos, famílias de alta renda, fundações e institutos corporativos.

DESCENTRALIZAÇÃO

- Fomentar, apoiar e dar visibilidade para iniciativas e eventos do campo fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, ampliando o protagonismo e a conexão de organizações locais com um movimento nacional.
- Mapear e disseminar organizações intermediárias de apoio a negócios de impacto em diferentes regiões do País.
- Reforçar a importância de investidores e fundos de impacto, públicos e privados, aumentarem sua capilaridade de atuação para todas as regiões do País.
- Estimular fundações e institutos corporativos com atuação nacional a fazerem doações para que intermediários repliquem seus modelos em outras regiões do Brasil.

GOVERNO

- Avançar com planos de implementação da Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto (ENIMPACTO), garantindo o envolvimento de organizações do setor privado e da sociedade civil e o monitoramento e disseminação periódica dos avanços.
- Comprometer os novos gestores eleitos com o fomento do campo de investimentos e negócios de impacto, alinhados à ENIMPACTO.
- Ampliar o número de casos de compras públicas (municipais, estaduais e federais) de soluções de negócios de impacto como complemento às políticas públicas no atendimento à população.
- Avançar discussões sobre perdas e ganhos nos processos de criação de uma pessoa jurídica exclusiva, assim como a qualificação legal das Sociedades de Benefício.
- Analisar incentivos fiscais para negócios de impacto.
- Avançar a regulamentação dos fundos patrimoniais.
- Inserção no regulamento do Novo Mercado da B3 de obrigação de informação quanto ao impacto social e ambiental das companhias listadas e/ou a criação de um segmento de listagem de valores mobiliários específico para as companhias cujo modelo de negócio seja de impacto positivo.

GRANDES EMPRESAS

- Fortalecer proposta de valor dos Investimentos e Negócios de Impacto para líderes de grandes empresas que possa ser sistematizada (com exemplos concretos) e disseminada.
- Capacitar lideranças empresariais sobre oportunidades de fortalecer sua cadeia de impacto, indicando formas de contribuições (financeiras e técnicas, incluindo suas aquisições) a negócios de impacto e incentivo a ação de intraempreendedores.
- Convidar para o debate diferentes áreas das grandes empresas, como suprimentos, recursos humanos, pesquisa e desenvolvimento, sustentabilidade etc., para criar ações com negócios de impacto.

OFERTA DE CAPITAL

- Incentivar a criação de fundos menores (tanto em relação às cotas de captação quanto nos aportes) para ampliar e diversificar a participação de apoiadores e tomadores de crédito.
- Multiplicar as fontes de apoio e diversificar os instrumentos financeiros para apoio a negócios em estágios iniciais (que demandam condições de crédito mais favoráveis).
- Criar fundos (estatais, privados, cooperação internacional) dedicados ao desenvolvimento de contratos de impacto social e outras ferramentas financeiras inovadoras para negócios de impacto, principalmente para cobrir os altos custos de estruturação dessas inovações.
- Incentivar ações-piloto para que mais atores experimentem instrumentos financeiros como equity crowdfunding, crédito rotativo, garantia etc. no apoio a negócios de impacto.

ACADEMIA

- Dar visibilidade a cursos (presenciais ou a distância) existentes sobre temáticas relacionadas a investimentos e negócios de impacto a alunos, professores e interessados.
- Ampliar e dar visibilidade a estudos sobre o ciclo de vida dos negócios de impacto e a efetividade dos processos de aceleração e apoio a empreendedores.
- Estimular a inserção do tema em eventos acadêmicos para inspirar alunos a estudar e pesquisar a temática.
- Lançar livros sobre o tema para registro e disseminação dos conhecimentos e amadurecimento do campo.
- Reconhecer professores, cursos, atividades de extensão e instituições de ensino com práticas relevantes a favor do empreendedorismo de impacto.
- Estimular pesquisas sobre avaliação de impacto dos negócios.

MEIO AMBIENTE

- Ampliar a conexão e as referências com atores e projetos de áreas como economia de baixo carbono, economia circular, conservação da natureza (economia da floresta em pé, gestão do capital natural, mercado de serviços ecossistêmicos etc.).
- Avaliar como os instrumentos financeiros que hoje apoiam ações da área ambiental poderiam ser incorporados pelo ecossistema de investimento de impacto.
- Dar visibilidade às teorias de mudanças de negócios de impacto da área ambiental.

PERIFERIA, GÊNERO E RAÇA

- Garantir visibilidade e suporte para o desenvolvimento do ciclo de vida de empreendedoras mulheres e de empreendedores negros e de periferia, incluindo a concessão de crédito por bancos, bem como de diferentes fontes de financiamento, além de mentores em todas as fases do ciclo de vida.
- Estimular maior transparência de investidores na construção de portfólios, destacando a liderança dos empreendedores nos temas de raça, gênero e origem do empreendedor.
- Identificar particularidades no processo de apoio e fomento de negócios de impacto empreendidos por profissionais da periferia, negros ou mulheres.

MENSURAÇÃO DE IMPACTO

- Estruturar estudo sobre as diferentes teses e ferramentas de mensuração de impacto, considerando pontos positivos e críticos de cada uma e variáveis como custos e complexidade.
- Buscar formatos simples, mas suficientemente poderosos, para comprovar a transformação e a eficácia das soluções de negócios de impacto.
- Disseminar casos práticos de mensuração de impacto para inspirar e nortear gestores e empreendedores interessados.
- Identificar capacitações necessárias para que gestores e empreendedores possam desenvolver e implementar mensurações de impacto.
- Criar fundos de financiamento e aproximar institutos de pesquisa para a realização de avaliações de impacto de programas, intervenções e serviços oferecidos por negócios de impacto.

ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Estratégia para investimento de impacto socioambiental

*Fabio Barbosa
e Maria Alice Setubal*

Originalmente publicado no Jornal Valor Econômico em 11/1/2018

Neste século 21, a humanidade enfrenta os desafios de reduzir as desigualdades sociais e diminuir os danos causados ao ambiente. Os recursos do Estado, aliados à filantropia e aos investimentos sociais corporativos, são e permanecerão essenciais à promoção do bem-estar, como o acesso da população a saúde, educação e moradia e o combate às mudanças climáticas, mas não são suficientes para atender sozinho às crescentes demandas sociais e ambientais do planeta.

Os negócios de impacto, empreendimentos com a missão de gerar impactos socioambientais positivos e que permitem trazer retorno financeiro aos investidores, com modelos economicamente sustentáveis, surgem como uma nova força de transformação no mundo, ampliando o capital investido na busca de respostas inovadoras para questões urgentes.

Com graves problemas sociais e ambientais, o Brasil abre caminho para o desenvolvimento de negócios de impacto ao estabelecer uma política nacional específica para o setor pioneira no mundo. A Estratégia Nacional de Negócios e Investimentos de Impacto (ENIMPACTO) foi instituída via decreto presidencial no dia 19 de dezembro, após ter sido submetida a uma consulta pública coordenada pela Secretaria de

Inovação e Novos Negócios do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Mdic). O documento irá nortear a política de Estado, com ações para a promoção do setor no País.

A estratégia alinha o Brasil às melhores práticas no mundo e baseia-se em quatro eixos: a ampliação da oferta de capital; o aumento do número de negócios; o fortalecimento de organizações intermediárias, como incubadoras e aceleradoras; e a promoção de um macroambiente favorável, que inclui propor e acompanhar legislações, normas e regulamentos. Liderado pelo Mdic, em parceria com a Força Tarefa de Finanças Sociais (FTFS), movimento criado no Brasil em maio de 2014, o projeto contou com a participação de mais de 20 órgãos de governo, diversas entidades e movimentos da sociedade civil.

O tema de investimento de impacto socioambiental começou a ser moldado no fim dos anos 90 no Reino Unido e nos Estados Unidos e consolidou-se a partir de 2007, dando origem a um movimento global. Estima-se que exista no mundo uma demanda por capital de US\$ 2,5 trilhões em investimentos socioambientais, lacuna que os negócios de impacto ajudam a preencher.

É na participação de todos os setores da sociedade que será possível encontrarmos as respostas inovadoras para os desafios que o século 21 nos coloca. O mundo é e será cada vez mais regido pelo “e”, não mais pelo “ou”. Um empresário não escolhe entre um negócio rentável e um empreendimento voltado para a resolução de um problema socioambiental. É possível ser ambos.

Ao lançar uma estratégia de Estado para investimentos e negócios de impacto, o Brasil incentiva outros países a seguirem o mesmo caminho, sobretudo as economias em desenvolvimento, onde os recursos são mais escassos e as desigualdades sociais, maiores.

A política nacional implementada pelo Brasil é resultado de um grupo de trabalho formado no âmbito do governo federal que busca na inovação as soluções para os graves problemas do País, bem como formas alternativas de atração de capital para financiar essas iniciativas, que vão desde

Estratégia para investimento de impacto socioambiental

Fabio Barbosa e Maria Alice Setubal

a melhora da educação e da habitação à redução da poluição. A sua implementação irá acelerar a inserção dos negócios de impacto na agenda do País, ao articular a colaboração de órgãos do governo, fundações, empresários, sistema financeiro, comunidade científica e organizações não governamentais em torno de um mesmo propósito: a criação de bem-estar social por meio de empreendimentos economicamente viáveis.

A Força Tarefa de Finanças Sociais do Brasil foi criada há três anos, a partir da mobilização de organizações da sociedade civil, com a missão de impulsionar o investimento de impacto no País. Em outubro de 2015, lançou 15 recomendações para o avanço do setor e passou a fazer parte do Global Steering Group (GSG), movimento que sucedeu a Força Tarefa dos países do G-7, formada dois anos antes. O GSG é liderado pelo investidor britânico sir Ronald Cohen, fundador da Apax Partners e considerado como “pai do venture capital” no Reino Unido. Dos 15 países-membros que integram essa iniciativa, o Brasil tornou-se o primeiro a implementar uma política de Estado, apesar de muitos países possuírem ações governamentais voltadas para investimento de impacto, como o Reino Unido, o Canadá e os EUA.

O mercado global de investimento de impacto é estimado em US\$ 114 bilhões, segundo relatório do Global Impact Investment Network, publicado em 2017.

Na América Latina, o capital destinado a negócios de impacto também expandiu-se, com um total de US\$ 1,2 bilhão administrado por investidores em 2016, segundo relatório da Ande (Aspen Network of Development Entrepreneurs). No Brasil, esse montante era de US\$ 186 milhões.

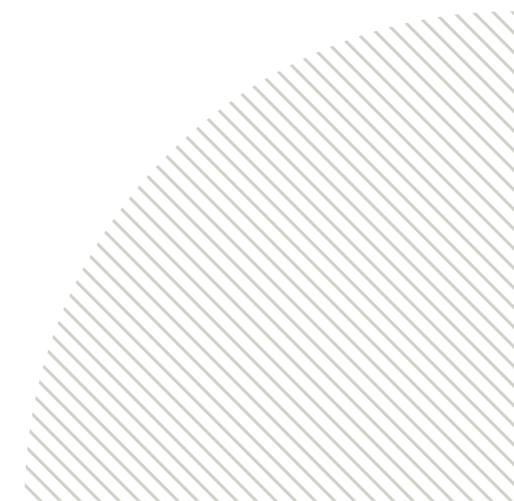
Dois exemplos brasileiros de como os negócios de impacto transformam a sociedade são a Avante e o Programa Vivenda.

A Avante fornece microcrédito para empreendedores que não têm acesso ao sistema bancário. Com empréstimos que vão de R\$ 400 a R\$ 30 mil, já emprestou mais de R\$ 100 milhões, está presente em mais de cem cidades e já transformou a vida de mais de 30 mil famílias. O Programa Vivenda realiza reforma de baixo custo e alto impacto social em casas de comunidades de baixa renda, já tendo realizado reformas em 720 casas.

Em discurso feito em julho deste ano, na abertura de um encontro do GSG em Chicago, nos Estados Unidos, sir Ronald Cohen destacou que os governos dos

países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) destinam atualmente cerca de 20% do PIB a problemas sociais, o que representa mais de US\$ 10 trilhões, o dobro do percentual que gastavam em 1960. Ainda assim, perceberam que não possuem os recursos nem as habilidades para resolver todos os problemas. Os filantropos doam em todo o mundo em torno de US\$ 500 bilhões por ano, e também suas doações, por mais generosas, não são capazes de atender a todas as necessidades do planeta.

Investimento de impacto, diz Cohen, “é a resposta atual a necessidades do empreendedor que aspira melhorar, com escala, a vida das pessoas e o planeta; é o coração invisível dos mercados guiando a mão invisível dos mercados”.



ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Catalizando um movimento global de investimento de impacto

Amit Bhatia, GSG

Quando um grande navio está no porto e ancorado, ele está seguro, não há dúvidas disso. Porém, não é para isso que os grandes navios são construídos.

William Shedd

O crescimento do investimento de impacto tem sido único em cada país-membro do Global Steering Group, mas as três características dos movimentos globais – valores, replicação e inclusão – continuam sendo um tema comum no mundo todo. Esses países vivem conforme a crença de que devemos fazer o bem para ser bem-sucedidos. Governos e filantropos estão constantemente testando e replicando novas formas de investir em impacto e estão bem posicionados para lidar com os desafios sociais e ambientais significativos e crescentes em todo o mundo. Atualmente, os governos da OCDE gastam cerca de 20% do PIB, mais de US\$ 10 trilhões, em questões sociais, quase o dobro da porcentagem gasta em 1960.[5] Somente mobilizando todos os governos, corporações, investidores, filantropos e indivíduos para adicionar “impacto” ao “risco e retorno” na tomada de todas as decisões econô-

micas, esses 10 trilhões de dólares realmente ajudarão a remodelar o mundo.

O Global Steering Group para Investimento de Impacto, ou GSG, foi estabelecido para atingir esse objetivo. Nasceu de uma força-tarefa do G8 que criou nove Conselhos Consultivos Nacionais (do inglês NAB – National Advisory Board) nos países do G7, na União Europeia (UE) e na Austrália, de 2013 a 2015. Essa rede, fundada por sir Ronald Cohen, começou a encontrar motivos para se reunir em busca de experiências, sabedoria, definições e padrões compartilhados. No primeiro trimestre de 2017, o GSG foi registrado como organização sem fins lucrativos no Reino Unido com a missão de liderar o desenvolvimento de um ecossistema global para investimentos de impacto.

Hoje, o GSG está presente em 18 países (e na UE). Como gostamos de dizer, o GSG é dos países-membros, feito pelos países-membros e para os países-membros. Por meio dessa rede internacional, alcançaremos um Ponto de Virada para o investimento de impacto até 2020.

O que é esse Ponto de Virada? Para nós, significa alcançar o seguinte impacto:

- Duplicar os países-membros de 14 em 2016 para 30 até 2020;

- Duplicar o tamanho do mercado para o investimento de impacto, de US\$ 150 bilhões em 2016 para US\$ 300 bilhões em 2020;

- Duplicar os beneficiários do investimento de impacto, de 500 milhões em 2016 (1 de cada 6 pessoas de baixa renda) para 1 bilhão até 2020 (1 de cada 3).

Estamos buscando as seguintes cinco estratégias para alcançar o Ponto de Virada:

- Desenvolvimento dos países-membros – acreditamos que o desenvolvimento de um ecossistema nacional de investimento de impacto é melhor liderado por um Conselho Consultivo Nacional que representa cinco pilares: donos de ativos, gestores de ativos, empresas de impacto, desenvolvedores de mercado e reguladores. Acreditamos ainda que a liderança de cada conselho deve ser diversificada e representar múltiplos atores. Ter nações com ecossistemas de investimento de impacto ativos, sendo moldados cuidadosamente por seus conselhos nacionais, é a melhor maneira de orientar o movimento.

- Desenvolvimento do Conhecimento – Todos os movimentos devem ser alimentados com mais dados, insights e evidências para mostrar o progresso e entender o que

Catalizando um movimento global de investimento de impacto

Amit Bhatia, CEO- GSG III. THE JOURNEY TO THE TIPPING POINT, 2020

funciona e por que funciona. Precisamos de novo conhecimento, e o GSG tem uma estratégia de três vertentes para desenvolvê-lo:

(i) Conhecimento liderado pelo GSG

(ii) Grupos de trabalho globais em rede para enfrentar grandes desafios e oportunidades nos investimentos de impacto, seis dos quais já lançamos:

- Criando atacadistas de investimentos de impacto
- Adoção por Bancos de Desenvolvimento
- Desenvolvendo empresas de impacto com base na inovação e P&D
- Criando instrumentos financeiros inovadores
- Entregar alavancas de políticas, advocacy e pesquisa com base nas evidências
- Ampliar e aprofundar o mercado

e (iii) Desenvolvimento de conhecimento liderado pelos países-membros e seus parceiros.

- Desenvolvimento de fundos – A ferramenta estratégica mais efetiva à disposição da GSG é o desenvolvimento de fundos. Os fluxos reais de investimento e seu impacto são o que incentiva as partes interessadas,

como os gestores de ativos, as empresas de impacto e os formuladores de políticas. Os países-membros e o GSG estão atualmente criando Fundos de Resultados e Fundo de Fundos em todo o mundo. Por exemplo, o GSG está liderando quatro iniciativas de US\$ 1 bilhão: um Fundo de Resultados de Educação para o Oriente Médio e a África, um Fundo de Resultados de Educação para a Índia, um Fundo de Fundos com base em dívida para a Índia e um Fundo de Fundos de Ações e Dívida para a América Latina. Esperamos lançar os três primeiros antes do fim de 2018 e o fundo latino-americano em 2019. Nossos países-membros e parceiros estão trabalhando em cinco outros fundos. Com mais US\$ 10 bilhões sendo mobilizados, o movimento está a todo vapor.

- Desenvolvimento de Comunicação – O GSG está desenvolvendo uma campanha de comunicação para levar a mensagem desse movimento às pessoas. Uma vez que o jargão do mercado financeiro pode facilmente alienar as pessoas, precisamos ter uma narrativa de investimento de impacto simples; nossa campanha #DoGoodDoWell em breve alcançará níveis globais. Temos um site no ar e contas nas redes sociais (@GSGimpinv). Nossa cúpula anual atraiu

560 líderes de investimento de impacto de mais de 40 países em Chicago, no ano passado. Este ano, prevemos mais de 900 líderes de investimentos de impacto de 50 países em Nova Deli, na Índia.

- Desenvolvimento de Políticas – Os países-membros da GSG têm atuado na vanguarda das políticas e advocacy em seus respectivos países, como mostra a turnê mundial por 16 países-membros do GSG. O GSG agora está trabalhando ativamente para trazer a agenda de Investimento de Impacto para o encontro do G20 na Argentina, este ano. A McKinsey & Company está trabalhando em um estudo que será apresentado em uma reunião do G20 no fim deste ano, trazendo o nosso Ponto de Virada para a agenda política das nações do G20. Além disso, um grupo do GSG está avaliando o progresso que o mundo tem alcançado desde a Força-Tarefa do G8, liderado por sir Ronald Cohen, que trouxe destaque e alimentou esse movimento global.

O movimento tem crescido através do apoio a novas ideias – que o capital pode ser usado para o bem – e as ferramentas que os países estão usando para expandir o mercado do investimento de impacto. É aí que uma revolução do impacto começará e

esse movimento global será bem-sucedido: com valores compartilhados e a capacidade de experimentar e replicar o que funciona, todos podem contribuir, e contribuirão. De maneira parecida como o capital de risco lentamente começou a se difundir no fim da década de 1990 antes de aumentar no começo do século seguinte, prevemos um avanço similar para o investimento de impacto, que se tornará o “novo padrão”.

Conforme o capital encontrar seu propósito mais elevado, construiremos uma economia de impacto global moral e justo que atende às necessidades das 3 bilhões de pessoas de baixa renda, e uma economia de impacto atenciosa e consciente que poderá durar até as próximas gerações. Isto é, de fato, uma visão digna de um movimento global.

[5] Fala de abertura do sir Ronald Cohen no GSG Impact Summit 2017, Chicago

ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Mercado financeiro de impacto

Itaú – Sustentabilidade

Os negócios de impacto, assim como todos os modelos de negócio mais disruptivos, sentiram fortemente o que o cenário econômico de 2017, ano bastante desafiador, trouxe para todo o mundo.

Mas também percebemos movimentos importantes tanto no campo de negócios de impacto como no mercado em geral, que nos fazem ter boas expectativas neste setor no curto e médio prazo.

Dois grandes movimentos parecem pautar a agenda nos próximos anos. O primeiro deles é a queda da taxa de juros, acompanhada do advento de ferramentas de desintermediação financeira e de universalização do crédito, como o peer to peer lending e as criptomoedas. Isso tende a provocar um maior acesso ao crédito, bem como mais diversidade de opções.

Neste sentido, há uma migração importante do tipo de instrumento financeiro utilizado para financiar negócios de impacto, antes concentrado quase que exclusivamente no mercado de investimentos.

Esta evolução do crédito para negócios de impacto democratiza o acesso ao capital na medida em que instrumentos de dívida, ao contrário dos investimentos, são menos restritivos do ponto de vista de estruturação, porte

e capacidade de crescimento dos negócios.

Isso também causa um ganho importante para a gestão dessas startups, com a necessidade de aprender a lidar com o crédito e os juros de mercado, fazendo com que elas fiquem cada vez mais parecidas com negócios tradicionais no que se refere à gestão financeira, em que o recurso é escasso e há necessidade de racionalizar todas as decisões de maneira a maximizar a eficiência tanto do dinheiro quanto do impacto gerado.

Outro driver importante passa pelo movimento global de posicionamento de empresas, no sentido de divulgação de seus propósitos e das causas que apoiam. Uma das grandes consequências desse movimento é o início de tomada de consciência por parte de investidores de todos os portes, que querem saber exatamente o que seu dinheiro está financiando. O novo posicionamento das grandes empresas já é algo consolidado, enquanto que a mudança de consciência do investidor ainda está em estágio menos avançado, porém em clara expansão.

Esse movimento faz com que clientes de instituições financeiras comecem a questionar, cada vez mais, alternativas de investimentos para apoiar causas e negócios com os quais se identifiquem, abrindo espaço para a criação de instrumentos financeiros especí-

ficos para impacto.

No âmbito do campo de negócios de impacto há ainda o importante marco regulatório, tanto dos novos mecanismos de crédito e investimentos quanto dos negócios de impacto, tangibilizado pelo lançamento da Estratégia Nacional de Negócios de Impacto.

O marco regulatório tem o poder de trazer estabilidade principalmente nas definições do que é impacto, que por sua vez vão alimentar a criação de métricas mais assertivas. Em um mercado em consolidação como o de negócios de impacto, é importante haver esse tipo de regulação, trazendo mais tranquilidade para investidores, credores e empreendedores.

Por fim, todos esses movimentos de mercado parecem contribuir para a criação de um ambiente propício para a evolução do campo. As instituições financeiras, de maneira geral, têm um papel preponderante para reorientar os fluxos de capital, no sentido do desenvolvimento desse mercado; à medida que vai crescendo, o campo de negócios de impacto deixa de ser um investimento arriscado restrito apenas a family offices e butiques de investimento e começa a se consolidar como uma oportunidade de negócio mais próxima do chamado Business as Usual (B.A.U).

ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Instrumentos financeiros para impacto antes do mainstream

*Leonardo Letelier
SITAWI Finanças do Bem*

Que o investimento de impacto vai se tornar uma prática comum no mercado, não tenho dúvidas. O nível de interesse no tema cresce sem parar: da recente carta de Laurence Fink, CEO da BlackRock, com mais de US\$ 5,7 trilhões de ativos sob gestão – definindo sucesso para os gestores das empresas nas quais eles investem, não apenas como desempenho financeiro, mas em sua contribuição positiva para a sociedade¹ – ao anúncio de um fundo de US\$ 2 bilhões dedicado a investimento de impacto², passando por todos os artigos e pesquisas que indicam que os millennials buscam propósito em suas relações de trabalho³, investimento⁴ e consumo⁵. Essa é a nova lente com a qual se está avaliando o mercado. O nível de transações avança, ainda que, naturalmente, em escala menor: a pesquisa anual do Global Impact Investing Network reporta US\$ 22,1 bilhões investidos em impacto em 2016⁶ (ante US\$ 15,1 bilhões em 2015 e uma expectativa de US\$ 25,9 bilhões em 2017).

Nesse cenário, a pergunta que mais se ouve é: “quando vamos poder declarar que Investimento de Impacto já virou mainstream?” Como minha bola de cristal está na oficina, não vou me aventurar a fazer um prognóstico, ainda que conceitualmente possamos

discutir quais marcos vamos usar para dizer que esse dia chegou (e.g. oferta de produtos líquidos em bancos comerciais para clientes de varejo).

Mas há outra pergunta que considero pessoalmente mais interessante: “o que vai acontecer entre hoje e esse dia”?

Existe uma tensão natural entre as necessidades dos empreendimentos de impacto – cada um com suas particularidades – e a massificação do mercado –, que demanda produtos e veículos simples e padronizados. Minha visão é que haverá uma proliferação de instrumentos antes de chegarmos a alguns consensos e modelos vencedores.

No setor de investimento de impacto, no Brasil, o que mais chama atenção atualmente são os fundos focados em estágio de venture capital, que exigem altas taxas de crescimento. Em nível global, o maior volume de

ativos de gestão está em investidores focados em dívida, que exigem alta garantia de capacidade de pagamento. Infelizmente, essas características são difíceis de encontrar nos negócios de impacto. No entanto, entre essas duas pontas do espectro, há uma série de alternativas que vale a pena explorar⁷, como, por exemplo:

- Empréstimos com pagamentos atrelados a um percentual da receita, com ou sem opção de converter parte do empréstimo em participação no capital;
- Empréstimos mezaninos conversíveis em capital com limite de participação;
- Criação de uma subsidiária para receber investimentos de capital com recompra automática da participação (e.g. para investimentos em cooperativas ou ONGs).

Ao mesmo tempo, o movimento de transações coletivas (conhecidas como crowdequity, no caso de investimentos em participação, e crowdlending, no caso de empréstimos), focadas em negócios de impacto, aproxima qualquer indivíduo – aquele cliente do varejo do banco comercial que mencionamos

Instrumentos financeiros para impacto antes do mainstream

Leonardo Letelier - SITAWI Finanças do Bem

antes, por exemplo – do mundo do investimento de impacto, oferecendo valores mais adequados a sua realidade.

Essa diversidade animadora de instrumentos e abordagens possíveis tenta equacionar os desafios dos fundos de investimento tradicionais (alto risco percebido de crédito, baixos retornos potenciais, longo horizonte de retorno, velocidade de escala limitada, poucas avenidas de saída, altos custos de transação) e do empreendedor (comprometimento com a organização, menos ênfase em saída, contexto operacional complexo, preocupação quanto à manutenção da organização, alto custo do insucesso).

Minha visão é que na riqueza deste mundo heterogêneo e complexo estarão parte das soluções para adaptar as ofertas tradicionais do mercado e desenhar produtos mais adequados ao setor, uma jornada que está só começando.

Até lá, aproveitemos a experimentação!

¹ <https://www.blackrock.com/corporate/en-br/investor-relations/larry-fink-ceo-letter>

² <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-10-03/tpg-seals-record-2-billion-for-rise-impact-fund-co-led-by-bono>

³ <https://www2.deloitte.com/global/en/pages/about-deloitte/articles/millennial-survey-making-impact-through-employers.html>

⁴ <https://www.forbes.com/forbes/welcome/?toURL=https://www.forbes.com/sites/neaalegodfrey/2017/06/29/millennials-invest-toachieve-profit-and-purpose>

⁵ <https://medium.com/create-brand-love/the-rise-of-the-purpose-driven-consumer-8-reasons-that-prove-purpose-driven-brands-are-here-to-6ba047a8e3cb>

⁶ https://thegiin.org/assets/GIIN_AnnualImpactInvestorSurvey_2017_Web_Final.pdf

⁷ <http://transformfinance.org/briefings/2017/9/1/innovations-in-financing-structures>



ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Negócio de Impacto Social: você está fazendo certo?

Adriana Barbosa, Feira Preta

Há pouco mais de 16 anos, decidi empreender em uma iniciativa que pudesse dar à comunidade negra a oportunidade de visibilizar suas criações, especialmente de mulheres e jovens. Eu não conseguia me ver representada nos espaços, em nenhum deles, e era inadmissível não me enxergar no que era posto como padrão. À época, com a amiga Deise Moyses, criei o que se transformou em um dos maiores eventos de cultura negra da América Latina, a Feira Preta.

Em 16 edições, reunimos mais de 150 mil pessoas e possibilitamos que empreendedores negros movimentassem cerca de R\$ 4,5 milhões em São Paulo, Brasília, São Luís e Rio de Janeiro. A última edição, sozinha, reuniu mais de cem empreendedores e 25 mil pessoas em três dias de evento aberto na região central da capital paulista.

Propósito, resistência e necessidade versus oportunidade foram os ingredientes certos que me levaram a empreender. Hoje, entendo que a Feira Preta foi um dos primeiros modelos pautados no tema de raça no cenário de negócios de impacto social no País. No entanto, me dei conta de que era uma empreendedora social anos mais tarde, após entrar em contato com a Artemisia, aceleradora social pioneira em trazer a pauta de “negócio de impacto social” para o Brasil.

Um negócio de impacto social pode ser definido como tudo aquilo que traz transformações e impactos positivos para a vida das pessoas, a médio ou longo prazo. Normalmente, os negócios sociais no Brasil partem de uma lógica de escassez e são criados para gerar mudanças em situações de necessidade e vulnerabilidade dos grupos de pessoas historicamente colocados à margem da sociedade.

O indiano Amartya, estudioso das condições de vida dos pobres e Prêmio Nobel de Economia em 1998, professor de Economia e Filosofia nas Universidades de Harvard e Thomas W. Lamont, define a pobreza não apenas pelo acesso à renda e poder econômico, mas também pelo acesso a serviços básicos de educação, saúde, saneamento e moradia de qualidade.

E é em um ambiente de escassez que a criatividade emerge entre os empreendedores que vivem nas periferias das grandes cidades. Esses empreendedores transformam escassez em abundância criativa. Mesmo em contextos de necessidade e vulnerabilidade, são capazes de inventar e prototipar soluções incríveis para lidar e transpor problemas vivenciados no dia a dia das comunidades e favelas.

Em meados dos anos 90, a periferia passa a ser valorizada simbolicamente e as classes média e alta se atraem pela estética periférica. Foi no campo das artes e da valorização da estética que os processos de transformações e da autonomia caminharam para o “empoderamento”. Criações e soluções que ultrapassam as margens dos rios que separam a periferia do centro. A periferia passa a ser o centro da criação da inventividade para os olhos de toda a sociedade. Dezenas, centenas, milhares de pessoas atravessam a ponte, ou sobem o morro, para beber dessa fonte criativa. E é nesse momento, nesse lugar que acontecem as conexões e os encontros.

Esses encontros levam para esses territórios periféricos milhares de jovens com uma condição de vida diferente de quem vive nessas

Negócio de Impacto Social: você está fazendo certo?*Adriana Barbosa, Feira Preta*

regiões. Esse é um perfil que se multiplica: jovens com acesso a escolas de qualidade, detentores dos códigos do ecossistema dos negócios de impacto. Muitos negócios e projetos foram implantados a partir de 2008 nas favelas e nas periferias.

A dicotomia “morro x asfalto”, usada para designar a relação entre favela e zonas urbanizadas, foi substituída pelos termos centro e periferia, uma tentativa de nomeação mais ampla, incluindo comunidades diversas com suas respectivas manifestações culturais.

Essa dicotomia não se restringe apenas às terminologias, mas sobretudo na legitimação de quem pode se apropriar desses territórios. Alguns empreendedores residentes nas regiões periféricas se apropriam de suas identidades e fortaleza e iniciam uma verdadeira revolução territorial, no que se refere ao hackeamento dos sistemas e dos códigos desse ecossistema empreendedor. Proliferam iniciativas de impacto social em diversos lugares com diferentes linguagens. Destaco três referências: Gato Mídia no Rio de Janeiro (RJ), Agência Solano Trindade em São Paulo (SP) e Favela em Belo Horizonte (MG). Iniciativas lideradas por jovens negros que têm em comum em suas narrati-

vas o hackeamento do sistema, a decodificação dos códigos e o desenvolvimento de novas soluções a partir de práticas já implementadas.

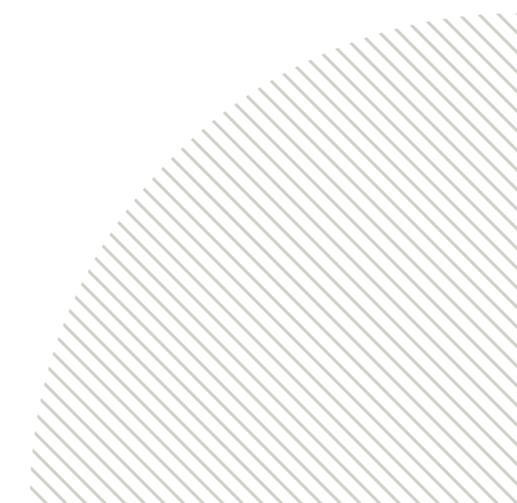
É assim que a periferia e o morro fazem. Compreendem os contextos, inventam e reinventam a sua própria forma e linguagem, levando em consideração as especificidades do território e de seus públicos, com um diferencial dos empreendedores que, de fora, criam soluções para a periferia. Eles vivem o que estão se propondo a solucionar, não estão distantes se colocando como “liderança salvadora”. Os empreendedores das margens da sociedade desenvolvem, com profundo conhecimento e propriedade, serviços, tecnologia e soluções para uma vida melhor nessas regiões. Logo, soluções de impacto que levam em consideração o acesso, a autonomia, o compartilhar e a colaboração.

Além do acesso, estamos também falando da descentralização do capital intelectual e financeiro. Intelectual, porque nesse contexto não está em cheque um conhecimento acadêmico, mas sim o saber popular, o saber empírico e intuitivo que, sim!, gera soluções! E, do ponto de vista do capital financeiro, há uma reivindicação bastante

legítima que, basicamente, diz o seguinte: “se é para dar dinheiro para criar soluções para a minha área, que deem para mim porque eu sei como funciona”. Surge então o termo da base para a base. Soluções criadas, pensadas, prototipadas da base da pirâmide para a base da pirâmide.

Com o advento da internet, da globalização e do compartilhamento de saberes, as práticas e o conhecimento não estão mais enquadrados em salas de aula ou em livros, mas sobretudo num clique.

E o que essas pessoas têm hoje é o poder da informação que também está em suas mãos. E elas estão mudando as suas realidades a partir de lugares e perspectivas que sempre lhes foram negados. E partem de um lugar diferente do que parti, com autoestima suficiente para reconhecer sua potência e abundância, mesmo em um contexto de escassez.



Negócio de Impacto Social: você está fazendo certo?

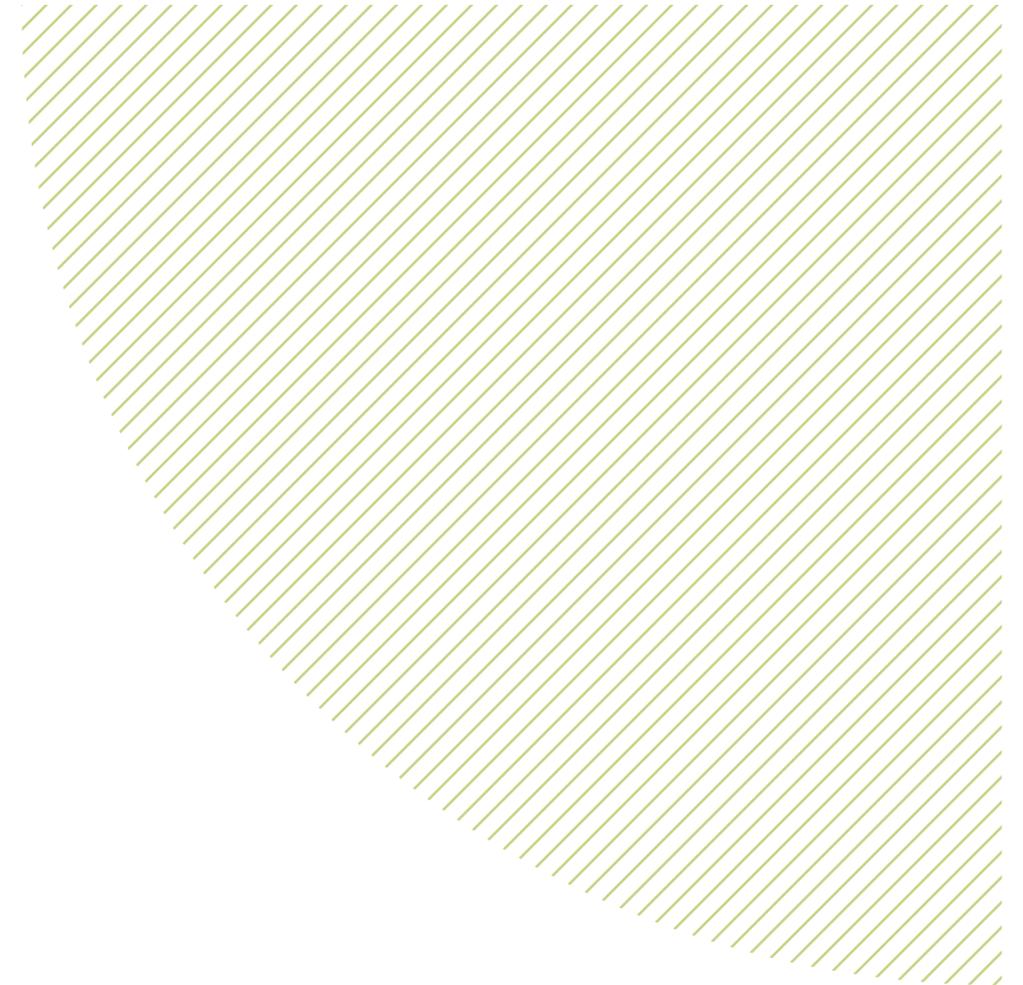
Adriana Barbosa, Feira Preta

Esses dias estava lendo um artigo sobre as dimensões do impacto no site Social Good¹ que vale trazer para esse texto. Diante deste novo contexto, é urgente atentar para dimensões fundamentais para as iniciativas que podem gerar impacto social de fato: acesso, autonomia, transparência e escala. O texto também traz algumas dicas para que o empreendedor entenda melhor o seu impacto, por exemplo, como entender e justificar o problema que se quer resolver, a importância de prototipar soluções e a diferença entre métricas de negócios e métricas de impacto.

É imperativo também trabalhar lado a lado das pessoas a quem se deseja beneficiar com o negócio de impacto social. Primeiro porque é dessas pessoas que nascem as soluções mais assertivas, de resultado real. Segundo porque, hoje, os negócios de impacto social real nascem de base para base, porque esta é uma geração de empreendedores que entendeu e acredita em sua potência criativa e de transformação. É uma geração ciente de seu papel e de sua capacidade.

Sabem aquela intro da música do grupo de rap Racionais MC's "Nada como um dia após outro dia"? "Nunca foi fácil, junta os seus pedaços e desce pra arena". Nós estamos na arena.

¹ <http://socialgoodbrasil.org.br/lab/o-que-e-impacto-social-como-gera-lo-e-porque-ele-vem-em-primeiro-lugar/>



ARTIGOS PARA REFLEXÃO

O que o futuro reserva para a avaliação de impacto?

Gilberto Ribeiro, Vox Capital

Em 2017, comemoramos o aniversário de dez anos do termo “investimentos de impacto” ^{[[1]]}. O conceito que então nascia era aparentemente simples: “investimentos (...) com a intenção de gerar impacto social e/ou ambiental positivo juntamente com retornos financeiros” ^{[[2]]}. No entanto, a definição trazia um desafio claro, que já permeava os debates da época e que segue alimentando as discussões do setor: como medir o impacto gerado por esses investimentos?

Se investimentos de impacto são um campo novo, o mesmo não pode ser dito da avaliação de impacto, que tem uma longa tradição desenvolvida no âmbito das políticas públicas, da filantropia e do investimento social privado. Assim, o campo das finanças sociais nasce com uma herança rica para trabalhar o desafio da avaliação e, por isso, este artigo foca nos desenvolvimentos da avaliação que são particulares ao setor.

História recente da avaliação de investimentos de impacto

Ao longo dos últimos dez anos, o pano de fundo dos muitos esforços de avaliação que foram desenvolvidos pode ser sintetizado em algumas grandes tendências:

- Padronização – conforme investidores começavam a tornar públicos os resultados

de seus projetos, sem uma linguagem comum, a riqueza de informações mais dificultava que facilitava o debate. Disso surgiram as taxonomias padronizadas, dentre as quais se destaca o IRIS ^{[[3]]}.

- Comparação – obedecendo as melhores práticas de reporte do mundo financeiro, houve também a busca por formas de avaliar impacto que permitissem: i) comparabilidade entre diferentes investimentos, ii) horizontalidade de análise e periodicidade regular de publicação dos dados de impacto, iii) transparência das memórias de cálculo e premissas usadas e iv) avaliação das informações divulgadas por terceiros independentes. Desta tendência, a iniciativa que mais se aproximou das demandas do mercado foi o GIIRS ^{[[4]]}.
- Dar voz ao usuário – com relatórios recheados de números, sentiu-se a necessidade de ilustrar o impacto perseguido na vida dos clientes e no planeta. Nessa tendência ganharam relevância as metodologias de storytelling, que davam vida às apresentações de investidores, humanizando o discurso e tornando mais tangíveis suas causas.

E o que esperar do futuro próximo?

Esta nova fase inicia-se com investimentos de impacto ganhando complexidade – pela entrada de mais capital no setor, pela diversidade de instrumentos sendo criados e pelos dilemas e tensões entre impacto e retorno que começam a emergir dos primeiros casos de sucesso.

Neste cenário, a prática de avaliação também precisa evoluir, e estas são algumas das tendências recentes que vejo sendo desenvolvidas:

- Alinhamento com as ODS – no fim de 2015, a ONU publicou os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável ^{[[5]]} – um conjunto de 169 metas que até 2030 têm a intenção de erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir a prosperidade para todos.

Por se tratar de um framework global e com metas bastante pragmáticas, a tendência é de que cada vez mais os investimentos de impacto alinhem suas teses aos ODS.

- Ampla adoção das “Teorias de Mudança”: o termo “avaliação” nos remete à análise de algo que aconteceu no passado. Um

O que o futuro reserva para a avaliação de impacto?

Gilberto Ribeiro, Vox Capital

campo que por natureza é empreendedor deve se preocupar também com o futuro, com o porquê da criação de seus empreendimentos.

Cada vez mais os negócios de impacto têm desenvolvido suas “Teorias de Mudança” – um mapa que deixa clara a razão de existir do negócio, as intervenções que ele pretende promover e os resultados e consequências esperados na vida de seus usuários e do planeta. Essa ferramenta permite não só a avaliação do que foi feito pós-intervenção, mas também o planejamento do impacto que o negócio persegue.

- Mais e melhores dados: um dos desafios centrais de avaliação é a qualidade dos dados. Em um campo que conta ainda com muitos dados autorreportados, poucas bases públicas e muita dificuldade na coleta sistemática de informações, começam a surgir iniciativas que pretendem facilitar essa coleta e dar mais confiabilidade aos dados.

Para diferentes tamanhos e estágios de maturidade de negócios, as iniciativas que se destacam são o Acumen Lean Data ^{[[6]]}, iniciativa que faz uso de tecnologias de baixo custo para aproximar negócios de impacto do que pensam e sentem seus clientes, e o

Inspere Metricis ^{[[7]]}, centro baseado na academia com o objetivo de tornar acessível o rigor científico nas avaliações de impacto.

- Gestão do Impacto como ferramenta de negócios: se bem executada, uma avaliação de impacto torna-se uma ferramenta poderosa para negócios sociais. Seja para informar pontos de melhoria em sua proposta de valor ou necessidades do cliente que não eram percebidas pela empresa, seja para utilizar os resultados da avaliação como insumo para seu posicionamento de mercado.

Com a prática de avaliação saindo do campo passivo dos negócios, investidores começam a perceber que, mais do que avaliar, é necessário gerenciar os diferentes aspectos do impacto causado por uma organização. Nesse sentido, o destaque vai para o Impact Management Project ^{[[8]]}, uma iniciativa global que envolve mais de 700 atores do campo cujo objetivo é criar um consenso sobre como falamos, medimos e gerenciamos impacto.

O horizonte que se apresenta para os investimentos de impacto é empolgante e a avaliação de impacto provavelmente seguirá como tema central para garantir que o crescimento dos próximos dez anos seja sustentável.

[[1]] O termo foi utilizado pela primeira vez por Antony Bugg-Levine, diretor da Fundação Rockefeller na época, em uma conferência no Bellagio Center.

[[2]] Definição da Global Impact Investing Network (GIIN), grifo nosso.

[[3]] Impact Reporting and Investment Standards. A biblioteca completa de métricas encontra-se disponível para o público em: <http://iris.thegiin.org/>

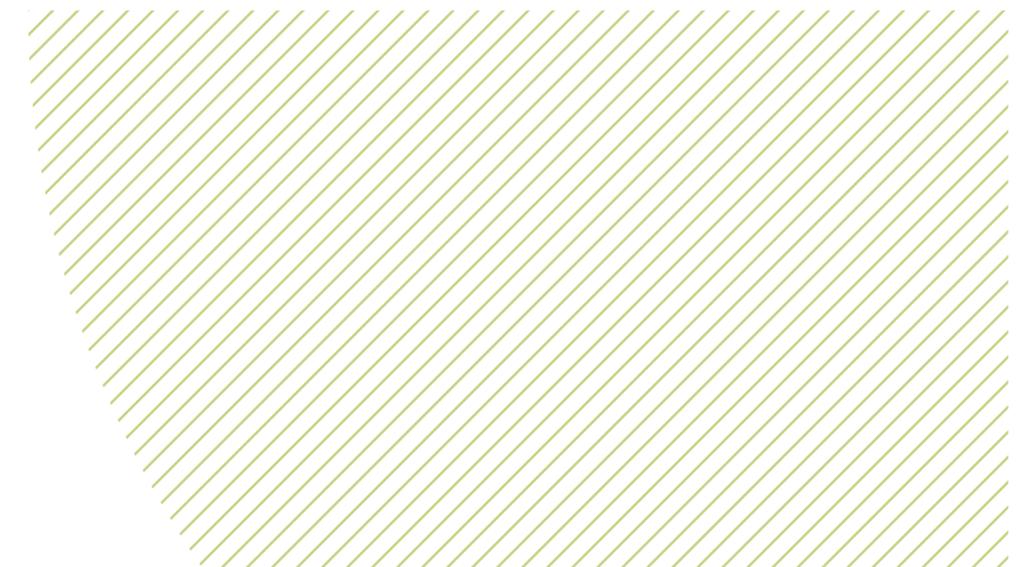
[[4]] Global Impact Investing Rating System, disponível em: <http://b-analytics.net/giirs-funds>

[[5]] <http://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/>

[[6]] <https://acumen.org/lean-data/>

[[7]] <https://www.insper.edu.br/nucleo-medicao-investimentos-de-impacto/sobre/>

[[8]] <http://www.impactmanagementproject.com/>



ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Ativação de Ecossistemas

Aoka Labs

“Business cannot succeed in societies that fail.”

Björn Stigson, ex-presidente do World Business Council for Sustainable Development (CEBDS)

Em um mundo complexo, interdependente, colorido de visões e causas diversas, líderes de organizações em todos os setores buscam formas de mitigar desafios que assolam a todos nós, como pobreza, desigualdade social, aquecimento global. Porém, grandes transformações exigem mudanças sistêmicas. E mudar sistemas humanos não é tarefa simples.

Segundo Peter Senge, Hal Hamilton e John Kania, especialistas em mudanças sistêmicas e colaboradores da SSIR, “as mudanças profundas necessárias para acelerar o progresso contra os problemas mais intratáveis da sociedade exigem um tipo único de líder: o líder sistêmico, que cataliza a liderança coletiva”.

O desafio de fortalecer o campo de Finanças Sociais e Negócios de Impacto no Brasil exige lideranças assim. É preciso criar um “campo social”, um ecossistema propício para isso. Um campo social fértil é criado através da influência de agendas governamentais, sensibilização de investidores,

políticas públicas possibilitadoras, novos produtos e mecanismos financeiros, empreendedores, grandes empresas e métricas de mensuração de impacto e resultado que façam sentido para todos os elos da cadeia.

É difícil saber por onde começar. Soluções unilaterais podem ser míopes e inócuas ou gerar novos problemas, pois atores importantes não foram considerados e levados em conta. Ao mesmo tempo, colocar toda essa diversidade de atores e visões à mesa em busca de consenso costuma ser contraprodutivo e paralisante.

Devemos mais do que nunca deixar nossas bolhas egocentradas e nos desafiar a um olhar mais empático e ecossistêmico. Precisamos evoluir em nossa capacidade de dialogar com aqueles que trazem visões diferentes. A boa notícia é que abraçar essa diversidade desperta um enorme potencial

criativo e novas possibilidades de transformação.

Foi assim que a Força Tarefa e a Aoka decidiram responder a esse desafio de fortalecer o campo e ativar o ecossistema das Finanças Sociais e Negócios de Impacto (FSNI) através da criação do Lab de Inovação em Finanças Sociais. Após dois ciclos, com aproximadamente cem organizações estratégicas representando diferentes atores do campo, pudemos perceber a abundância de oportunidades que nascem via conexões não tão exploradas e projetos conjuntos.

Dos 14 protótipos que surgiram do Lab, temos resultados bastante animadores, como o Inovativa de Impacto, parceria do SEBRAE Nacional com MDIC que já nasceu como a maior aceleradora de impacto do Brasil; o FIIMP, grupo de 22 fundações e institutos que estão investindo juntos em negócios de impacto, uma nova certificação do sistema B para negócios da base da pirâmide, entre outras diversas parcerias e negócios consolidados entre as instituições.

Criar espaços para que iniciativas como essas brotem e floresçam é parte do papel de um ativador de ecossistemas. E trabalhar em sintonia com líderes de organizações que mobilizem suas próprias redes é

Ativação de Ecossistemas

Aoka Labs

fundamental. Destacamos aqui o papel de organizações como Artemisia, Intercement, Anprotec, Itaú, CUFA, BMW Foundation, Baanko, SEBRAE, MDIC,^[1] além do envolvimento de outros bancos, corporações, academia e outras redes envolvidas direta ou indiretamente nos esforços de apoiar empreendedores e aumentar o fluxo de capital para o campo.

Mas como saber se o ecossistema FSNI está de fato sendo ativado? Quais os desafios que ainda temos pela frente? Para avaliar o progresso, consideramos as seguintes condições:

Curto prazo

- Aumentar a quantidade de novas conexões, parcerias e/ou negócios efetivados.
- Alinhar e convergir agendas de atores estratégicos.
- Experimentar coletivamente soluções para desafios do sistema.

Médio prazo

- Melhorar a qualidade das conexões (resiliência).
- Descentralizar a rede para uma mais dis-

tribuída que valorize elos marginais (menos centrais ou óbvios), para obter maior conexão de atores, alcance e potencial de inovação.

- Aderir linguagem e formas de mensuração de impacto comuns.

Longo prazo

- Construir plataformas de inovação com espaços perenes de diálogo, produção de conhecimento e ação coletiva.
- Atrair empreendedores qualificados e desenvolver novos e melhores modelos de negócios de impacto.
- Transformar modelos mentais e fomentar uma cultura mais colaborativa, que facilite a conexão e favoreça a entrada de atores.

Dentro desse contexto, a Força Tarefa de Finanças Sociais tem exercido nos últimos anos um papel fundamental, ativando e orquestrando esse ecossistema e participando de outras redes e movimentos.

Os desafios pela frente são muitos! Juntos, faremos com que negócios de impacto e finanças sociais sejam cada vez mais mainstream. Temos que encontrar formas

mais eficazes de medir impacto, engajar empresas, criar incentivos fiscais e atrair investidores para investirem com mais impacto. Mas, além de tudo, precisamos garantir que a próxima geração de empreendedores construa negócios lucrativos, porém aliados sempre ao impacto socioambiental.



ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Visão 2030 sobre o Futuro do Campo: reflexões para seu fortalecimento

Texto desenvolvido a partir do Relatório Gestão do Conhecimento no Ecossistema de Negócios de Impacto no Brasil, PNUD e SEBRAE, jan/2018.

Graziella Comini
FEA/USP

Luciana Aguiar
PNUD

Valéria Barros
SEBRAE/NA

O tema dos negócios inclusivos e de impacto tem se tornado cada vez mais relevante dentro do contexto da Agenda 2030 e para a localização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil. Essa é uma agenda ambiciosa, que precisa da participação de todos os atores das áreas social, econômica e ambiental, além do setor privado, sociedade civil, academia e dos governos em todos os níveis.

Esta agenda demanda maior participação do setor privado como uma alavanca de implementação e difusão dos princípios universais, contribuindo com sua capacidade de inovar e desenvolver soluções sustentáveis, inclusivas e economicamente viáveis a favor da sociedade. Neste sentido, o PNUD e o SEBRAE têm desenvolvido, em parceria com os atores do campo, um conjunto de ações para fortalecer a governança e contribuir para o futuro dos negócios inclusivos e de impacto no País. Afinal, as agendas das empresas e do desenvolvimento sustentável estão convergindo de forma nova e instigante. Servem, portanto, como uma oportunidade única para apoiar os ODS e para investir em negócios responsáveis.

O ecossistema de negócios de impacto é recente, mas apresenta um ritmo acelerado de crescimento. A construção dessa visão de futuro do campo foi desenvolvida a partir de um processo de diálogo e de consulta com atores-chave do campo realizado no âmbito da Iniciativa Incluir. Entre eles, é recorrente a identificação de lacunas existentes no ecossistema relacionadas ao baixo número e distribuição geográfica das aceleradoras, à insuficiência de oferta de capital-semente, ao baixo número de empreendimentos preparados para receber investimentos, à falta de capacitação dos empreendedores e à falta de linhas de financiamento para organizações de apoio.

Desta forma, não poderá haver um ecossistema de negócios de impacto que atue de maneira isolada e apenas entre pares. A ampliação das conexões, trocas de experiências, articulação e diálogo entre atores de diferentes ecossistemas são fundamentais para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável.

Em um mundo em que se busca atuar com propósito e valores, as fronteiras entre negócios de impacto e empresas tradicionais estão ficando mais difusas. É necessário que empresas desenvolvam soluções, em parceria com outros atores, capazes de responder de maneira integrada às demandas sociais, econômicas e ambientais.

Em contrapartida, esse forte alinhamento com a nova agenda de desenvolvimento global exige empreendimentos com maior escala e impacto para não deixar ninguém para trás e resolver grandes dilemas da sociedade. A tecnologia pode ser um importante potencializador desses negócios, pois os ciclos de inovação estão cada vez mais curtos e exigem que os negócios inclusivos e de impacto estejam atentos à próxima curva de inovação. Neste contexto, os negócios de impacto atuam como uma porta de entrada para acelerar o alcance dos ODS.

ARTIGOS PARA REFLEXÃO

Visão 2030 sobre o Futuro do Campo: reflexões para seu fortalecimento

Graziella Comini | Luciana Aguiar | Valéria Barros

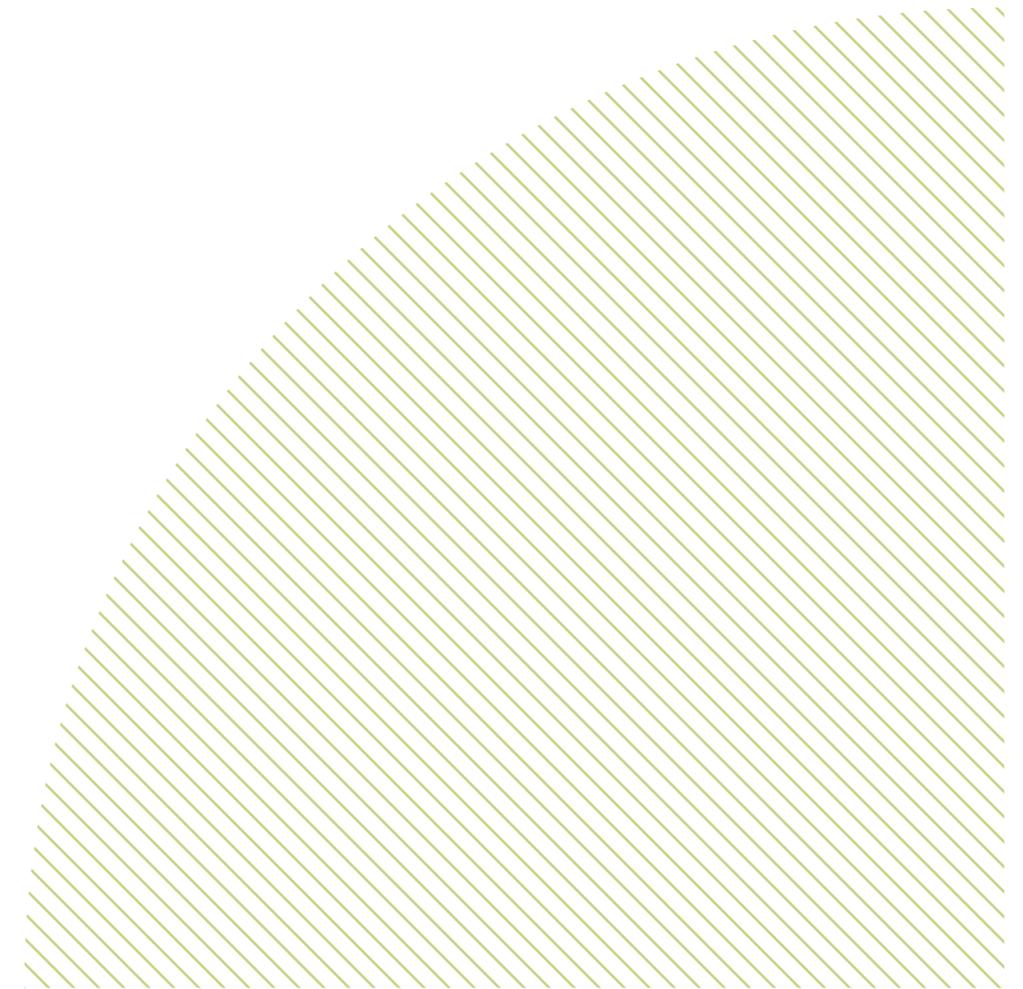
Negócios mais robustos e consolidados, mas também com maior diversidade. É fundamental que nos próximos anos sejam implementadas ações que revertam a concentração dos empreendimentos em algumas regiões e setores. Enxergamos ser urgente fomentar empreendimentos criados por comunidades de menor renda, lideranças femininas e afrodescendentes nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, contribuindo para reduzir a desigualdade social.

A ampliação do conhecimento por parte da mídia facilita a sensibilização de gestores públicos que são atores fundamentais para implementação de inovações na execução de políticas públicas e investimentos.

A mensuração do impacto é um instrumento vital e que demonstra a efetiva transformação social, econômica e ambiental fomentada por esses negócios inovadores. Para os próximos anos, é imprescindível que sejam desenvolvidos mecanismos mais simples e

que possam ser facilmente introduzidos em pequenos e médios empreendimentos.

Por fim, a consolidação do campo exige uma melhor gestão do conhecimento por parte de seus atores. Neste sentido, olhando para a sustentabilidade da governança do campo dos negócios de impacto, será indispensável avançarmos na geração de inteligência que envolva os pequenos empreendedores, em toda sua diversidade, no processo criativo de soluções e estudos. Nesta nova perspectiva, ampliaríamos a proposta de valor das entregas do ecossistema para os próximos anos.



EXPEDIENTE

Redação

Diogo Quitério

Revisão final

Beto Scretas

Célia Cruz

Daniel Izzo

Heloísa Menezes

Projeto gráfico e diagramação

Rogério Testa

Agradecimento aos parceiros que contribuíram com artigos para o relatório

Adriana Barbosa

Amit Bhatia

Denise Hills

Daniel Contrucci

Eduardo Rinaldi Hupfer

Fábio Barbosa

Fábio Luiz Guido

Graziella Comini

Gilberto Ribeiro

Leonardo Letelier

Luciana Aguiar

Maria Alice Setúbal

Maria Eugênia Taborda

Ricardo Gravina

Valéria Barros

Força Tarefa de Finanças Sociais Conselho

Alice Freitas

Daniel Izzo

Fábio Barbosa

Guilherme Ferreira

Heloísa Menezes

Luiz Lara

Marcos Vinícius de Souza

Maria Alice Setúbal

Rodrigo Menezes

Diretoria-executiva ICE – Instituto de Cidadania Empresarial

Beto Scretas

Célia Cruz

Debora Souza Batista

Diogo Quitério

Comitê estratégico | Apoio

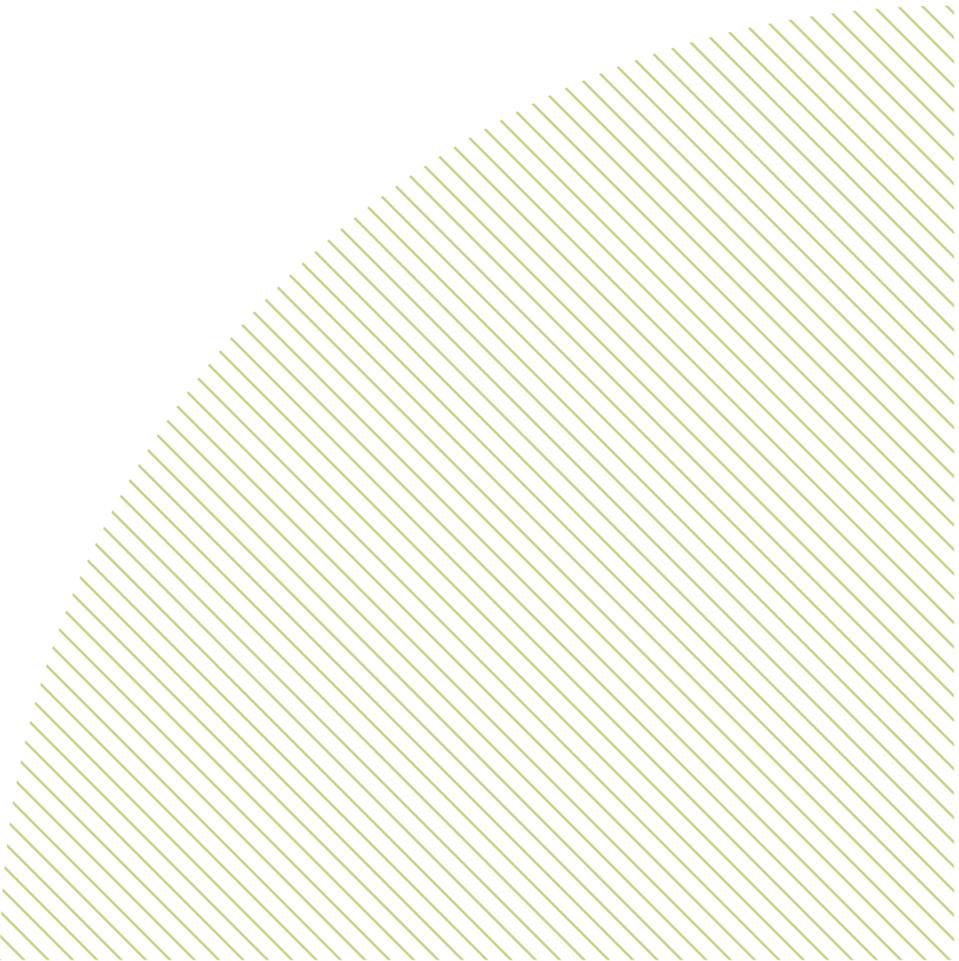
BID/FUMIN

Fundação Telefônica/Vivo

ICE – Instituto de Cidadania Empresarial

Itaú

Lew'Lara/TBWA



FORÇA TAREFA
DE
Finanças Sociais

www.forcatarefinancassociais.org.br